

ipea

Instituto de Planejamento Econômico e Social

IPLAN

Instituto de Planejamento

Acompanhamento de Política
Públicas

nº 6

Análise do Desempenho do
Setor Industrial (Janeiro-
Setembro de 1988)

Coordenadoria de Indústria
e Tecnologia

Instituto de Planejamento - IPLAN

Acompanhamento de Políticas
Públicas

nº 6

Análise do Desempenho do
Setor Industrial (Janeiro-
Setembro de 1988)

Coordenadoria de Indústria
e Tecnologia

O IPEA-Instituto de Planejamento Econômico e Social, é uma fundação vinculada à SEPLAN, composta pelo Instituto de Planejamento (IPLAN), Instituto de Pesquisas (INPES) e Centro de Treinamento para o Desenvolvimento Econômico (CENDEC).

Ministro-Chefe da SEPLAN: João Batista de Abreu
Presidente do IPEA: Ricardo Luís Santiago
Diretor do IPLAN: Flávio Rabelo Versiani
Diretores-Adjuntos: Francisco Almeida Biato e Solon Magalhães Vianna

Coordenadoria de Agricultura e Abastecimento:	Guilherme Costa Delgado
Coordenadoria de Educação e Cultura:	Divonzir Artur Gusso
Coordenadoria de Emprego e Salário:	Ricardo R. de Araújo Lima
Coordenadoria de Desenvolvimento Regional:	Clando Yokomizo
Coordenadoria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente:	Edgar Bastos de Souza
Coordenadoria de Indústria e Tecnologia:	Michael Wilberg
Coordenadoria de Minas e Energia:	
Coordenadoria de Planejamento Macroeconômico:	Eduardo Felipe Ohana
Coordenadoria de Saúde e Previdência Social:	Maria Emília R. M. de Azevedo
Coordenadoria de Setor Externo:	Renato Coelho Baumann das Neves
Coordenadoria de Transporte e Comunicações:	Charles L. Wright

SUMÁRIO

	Pág.
1. Introdução - Restrições Macroeconômicas ao Desempenho Industrial	01
2. Nível de Atividade Tabelas e Gráficos	03
3. Investimento Tabelas e Gráficos	19
4. Emprego Industrial Tabelas e Gráficos	34
5. Comércio Exterior Tabelas e Gráficos	42

1. INTRODUÇÃO - RESTRIÇÕES MACROECONÔMICAS AO DESEMPENHO INDUSTRIAL

A tendência de recuperação do nível de atividade industrial, iniciada no final do 1º semestre, foi confirmada no 3º trimestre deste ano, fortalecendo a convicção, em alguns círculos de análise econômica, que o setor poderia estar finalmente entrando num ciclo de expansão sustentada. Os fatores explicativos podem ser encontrados no desempenho favorável das exportações de manufaturados, associado a uma relativa recuperação do mercado interno - derivada da expansão da renda agrícola, de uma ligeira elevação real da massa salarial e até mesmo de uma maior demanda por ativos reais causada pelo recrudescimento do processo inflacionário.

Esta interpretação otimista de conjuntura fica, no entanto, bastante arrefecida na medida em que os indicadores de produção e de comércio interno e externo dos meses de setembro e outubro mostram uma nova reversão de tendência, agora no sentido declinante, fazendo prever que a produção industrial deverá fechar o ano com índice negativo de crescimento próximo a 2%.

Na realidade, e como tem sido mencionado em boletins anteriores da CIT/IPLAN/IPEA, estas constantes oscilações do nível de atividade industrial são um reflexo direto de uma série de condicionantes macroeconômicos, alguns até mesmo de caráter estrutural, que têm caracterizado a economia brasileira ao longo destes últimos anos - destacando-se como principais a questão das dívidas externa e interna, o virtual encilhamento do setor público e a, até certo ponto conseqüente, escalada inflacionária.

A conjugação dessa série de fatores adversos e suas múltiplas implicações certamente impõem limites à capacidade de recuperação e de crescimento sustentado da economia, particularmente do setor industrial.

A menos que tais condicionantes sejam superados, é arriscado alimentar qualquer expectativa mais otimista de reversão do quadro de estagnação que presentemente caracteriza a economia brasileira.

No tocante ao déficit público, o Governo parece decididamente empenhado em sua eliminação. No entanto, não se pode deixar de considerar que, num sistema democrático, a capacidade governamental de atingir seu intento é limitada pela livre atuação das forças políticas, que tentam resguardar os interesses dos grupos sociais, econômicos e regionais que representam.

Quanto à inflação, a permanente ameaça de que o País ingresse num processo hiperinflacionário foi, de certo modo, amenizada com as negociações entre Governo - empresários - trabalhadores, visando ao estabelecimento de um pacto social que, além de possibilitar a reversão do processo inflacionário, deverá propiciar condições mínimas para a retomada dos investimentos públicos e privados.

Se, de um lado, as primeiras negociações possibilitaram uma relativa estabilização da taxa inflacionária mensal, de outro, deve-se reconhecer que existe ainda um alto grau de incerteza quanto aos futuros desdobramentos do acordo, tornando impraticável qualquer previsão razoável quanto ao curso da inflação nos próximos meses. Ademais, dada a presente vulnerabilidade do desempenho das atividades produtivas, torna-se ainda mais delicada a meta de implementar os ajustes de política econômica necessários ao relançamento da economia, tendo em vista o entendimento de atenuar seus prováveis impactos recessivos.

É neste contexto de incertezas e de restrições macroeconômicas, que vêm assumindo um caráter estrutural, que se insere a análise de conjuntura do setor industrial apresentada a seguir.

2. NÍVEL DE ATIVIDADE

Os indicadores mais recentes confirmam a manutenção da ligeira tendência de crescimento da produção da indústria de transformação, observada desde o 2º semestre de 1988. De acordo com os índices do produto real do IBGE com ajustamento sazonal (Tabela 1, Gráfico 1), depois da queda abrupta dos níveis trimestrais médios da produção no período abril/setembro de 1987 ocorreu uma relativa estabilidade até o 1º trimestre deste ano, seguida de um movimento de recuperação. Verifica-se, contudo, um certo arrefecimento da taxa de crescimento do 3º trimestre (0,8% contra 1,4% no 2º trimestre de 1988), em razão do fraco desempenho em setembro, o que torna incerta a possibilidade de consolidação da tendência de crescimento¹.

Conforme esperado, os indicadores de desempenho acumulados ao longo do ano de 1988 mostram uma paulatina recuperação dos níveis de atividade a partir do 2º semestre, para o que, além da conjugação de efeitos "base" e "sazonal", também contribuiu, em menor escala, o crescimento mencionado no parágrafo anterior (aumento da produção superior ao garantido pelo mero efeito sazonal).

A produção acumulada da indústria de transformação em 1988, que apresentava uma redução de 5,3% no 1º semestre, passa a recuperar-se a partir de junho, situando-se até setembro em um nível 2,5% inferior ao verificado no mesmo período do ano anterior (Tabela 2 e Gráfico 2). Vale observar que essa recuperação é comum, com diferentes intensidades, aos principais segmentos da indústria. O indicador de tendência (taxa de crescimento acumulada de doze meses), que, conforme salientado no Boletim de Conjuntura anterior², mostrava queda contínua desde julho de 1987, tem sua evolução revertida a partir do início do 2º semestre, situando-se em -3,1% até setembro. Vale novamente salientar que o fraco desempenho da produção em setembro arrefeceu substancialmente o movimento de recuperação dos níveis acumulados de produção.

O comportamento favorável da produção industrial desde o final de 1987, particularmente até o 3º trimestre do corrente ano, deveu-se, principalmente, ao dinamismo do comércio externo de produtos manufaturados, cuja tendência de crescimento dos níveis mensais exportados somente foi interrompida em outubro (ver seção sobre Comércio Exterior).

¹O indicador da produção da indústria de transformação com ajustamento sazonal situou-se em 117,49 no mês de setembro de 1988, nível 5,5% inferior à média verificada nos meses de junho, julho e agosto desse ano.

²Ver Análise do Desempenho do Setor Industrial (janeiro-junho de 1988), CIT/IPLAN/IPEA.

Na comparação com 1987, no entanto, observa-se certa alteração no peso dos fatores que, pelo lado da dinâmica dos vetores de demanda agregada, explicam o desempenho industrial. Isso decorre do fato de que, a partir de maio-junho de 1988, o consumo interno ganhou progressivamente maior importância na explicação da melhoria nas taxas acumuladas de variação de produção.

Cabe considerar que essa alteração é fruto não tanto da recuperação efetiva e persistente da demanda interna, mas da conjugação de efeitos estatísticos associados à assimetria da base de comparação das variáveis de consumo interno e exportação. De fato, observa-se que o "efeito-base" age no sentido de reduzir a taxa acumulada de variação das exportações, apesar dos aumentos expressivos dos valores exportados até setembro de 1988. No entanto, no caso do comércio interno, além da ocorrência de um crescimento significativo, no mês de junho de 1988, existem indícios de arrefecimento a partir dessa data, sendo que a recuperação observada em indicadores acumulados de demanda interna deve-se, fundamentalmente, a uma base de comparação deprimida de dados (1º semestre de 1987)³.

O comportamento relativamente mais favorável do mercado interno estaria sendo sustentado, além dos fatores sazonais, pela associação de impactos positivos gerados pelo crescimento da renda agrícola e por alguma elevação dos salários reais com manutenção dos níveis de emprego⁴. Tal comportamento também vem sendo atribuído à uma maior procura por "ativos reais", em razão do

³ São os seguintes os indicadores do comércio interno (índices base fixa 1985 = 100) elaborados pelo MIC/CDC para os meses de março a setembro de 1988, registrando-se entre parênteses o valor desses indicadores nos meses de 1987:

março/88	=	103,1	(91,3)
abril/88	=	99,9	(98,0)
junho/88	=	105,9	(86,9)
julho/88	=	107,9	(101,6)
agosto/88	=	108,1	(107,6)
setembro/88	=	107,5	(101,4)

⁴ Os indicadores de salário real mais utilizados são produzidos pela FIESP e, portanto, voltados para a situação da indústria paulista. De acordo com esses indicadores, os valores reais da massa salarial e do salário médio revelam, nos últimos meses (até agosto), níveis ligeiramente superiores aos verificados nos meses de 1987.

recrudescimento inflacionário, o que estaria beneficiando, basicamente, a demanda de bens de consumo duráveis. De fato, esse último fator parece estar adquirindo importância, na medida em que se observa, tanto com base nos indicadores de produção como nos de consumo interno, um desempenho bastante mais expressivo do segmento produtor de bens duráveis de consumo, principalmente da indústria automobilística, em relação aos demais segmentos da indústria de transformação⁵. Nesse particular, vale notar ainda que o efeito do processo inflacionário sobre a concentração de rendas pode também estar contribuindo para a configuração desse perfil de consumo⁶.

Considerando que os fatores acima descritos caracterizam uma base de sustentação do crescimento relativamente frágil, em um quadro onde não se vislumbra nenhuma alteração significativa na dinâmica dos investimentos na economia, são no mínimo incertas as possibilidades de manutenção do crescimento industrial, mesmo no curto prazo. Estimativas elaboradas pelo IPLAN, com base em modelo de séries temporais (ver metodologia em anexo), resultaram em uma taxa de redução da produção no ano de 1988 em torno de 1,7%.

Indicadores prospectivos de natureza qualitativa, como os apurados em outubro de 1988 pela Sondagem Conjuntural da Fundação Getúlio Vargas junto à indústria de transformação, apontam, no tocante às previsões dos empresários para o 4º trimestre de 1988 em relação ao trimestre anterior, os resultados resumidos abaixo.

⁵Segundo os mencionados indicadores do MIC/CDC, a recuperação dos níveis de comércio tem-se concentrado significativamente nos segmentos de bens de consumo duráveis, que apresentaram, até agosto, uma taxa acumulada de crescimento de cerca de 14% em relação a 1987. Da mesma forma, os indicadores do produto real do IBGE mostram um desempenho bem acima da média do setor de bens duráveis, cuja produção acumulada até setembro já supera a verificada no mesmo período de 1987, enquanto que, para os demais segmentos da indústria, esse indicador apresenta ainda resultados negativos. Esse resultado está altamente influenciado pela indústria automobilística, cujas vendas ao mercado interno atingiram a média mensal de 68 mil unidades em junho-outubro de 1988, contra 54 mil no 1º trimestre de 1988.

⁶Os fatores destacados pelos empresários para a melhoria da demanda interna no 3º trimestre de 1988, segundo a 89ª Sondagem Conjuntural da FGV, foram: promoções de vendas; antecipação de compras devido ao efeito inflacionário; extensão do sistema de consórcios ao segmento de eletroeletrônicos domésticos, moveis e outros bens duráveis e recomposição de estoques a fim de atender às vendas de final de ano.

BRASIL
COMPORTAMENTO DOS INDICADORES DA 89ª SONDAAGEM CONJUNTURAL

Indústria de Transformação ^a %						
Discriminação	3º Trimestre /88			4º Trimestre/88 ^b		
	+	=	-	+	=	-
Produção	54	27	19	36	42	22
Demanda Interna	55	28	17	35	46	19
Demanda Externa	36	48	16	24	60	16

FONTES: FGV.

Notas: ^aPorcentagens ponderadas das respostas

^bPrevisão

Observa-se um maior número de respostas indicando expansão da produção (30%), em relação àquelas que apontam redução no nível de atividades (22%). O saldo de respostas positivas, no entanto, é bem inferior ao verificado no 3º trimestre de 1988. O que, de certa forma, é coerente com os movimentos sazonais que normalmente garantem um maior nível de atividade no 3º trimestre, em razão da formação de estoques para as vendas de final de ano. Além disso, merece destaque que o saldo de respostas positivas no 4º trimestre (14%) é inferior ao registrado pela Sondagem Conjuntural do mesmo trimestre em 1987.

No tocante à evolução das demandas interna e externa, verifica-se um saldo maior das respostas que indicam um crescimento no nível dessas variáveis, além da grande concentração de resultados que apontam para um nível no 4º trimestre semelhante ao do trimestre anterior (principalmente para as exportações). Essa tendência é muito mais nítida em relação ao comportamento do consumo interno, o que, novamente, confirma o efeito sazonal positivo nas vendas internas no final do ano. No entanto, o prognóstico para o 4º trimestre de 1988 aponta um saldo de respostas positivas inferior ao observado no mesmo trimestre do ano anterior.

Em resumo, esses indicadores parecem mostrar que não se pode esperar alteração sensível na dinâmica do desempenho industrial até o final do ano, e que o efeito sazonal positivo pode ser menos intenso do que o verificado tradicionalmente.

Tabéla 1

BRASIL -PRODUCAO INDUSTRIAL
 Industria de Transformacao
 Indices Sazonalmente Ajustados - 1981 = 100

Período	Indices	Variacao (%) s/trim.anterior
1986		
1 trimestre	115.2	
2 trimestre	117.7	2.2
3 trimestre	123.8	5.2
4 trimestre	124.6	0.6
1987		
1 trimestre	128.3	3.0
2 trimestre	125.1	-2.5
3 trimestre	116.7	-6.7
4 trimestre	118.1	1.2
1988		
1 trimestre	117.5	-0.5
2 trimestre	119.2	1.4
3 trimestre	120.2	0.8

FONTE : Indicadores FIDGE

Tabela 2.

BRASIL - Taxas de Crescimento da Producao Industrial
 Industria Geral e Industria de Transformacao
 Em porcentagem

ANO/MES	Ind. Geral			Ind. Transform.		
	Mensal 1/	Acumulada 2/	12 mes. 3/	Mensal	Acumulada	12 mes.
1987						
Julho	-6.2	5.5	7.4	-6.5	5.8	7.8
Agosto	-4.7	4.0	6.2	-5.0	4.3	6.6
Setembro	-5.3	2.8	4.3	-5.5	3.0	4.6
Outubro	-7.1	1.7	2.6	-7.4	1.8	2.8
Novembro	-2.2	1.3	1.7	-2.4	1.4	1.8
Dezembro	-3.7	0.9	0.9	-4.0	1.0	1.0
1988						
Janeiro	-1.8	-8.8	-0.3	-9.3	-9.0	-0.3
Fevereiro	-8.7	-8.8	-1.8	-9.4	-9.4	-1.9
Março	-0.1	-5.7	-2.8	-0.3	-6.2	-3.0
Abril	-7.8	-6.2	-4.0	-8.3	-6.7	-4.3
Maió	-5.8	-6.1	-4.9	-6.0	-6.6	-5.2
Junho	1.5	-4.8	-4.9	1.5	-5.3	-5.2
Julho	2.0	-3.8	-4.2	2.0	-4.1	-4.5
Agosto	7.3	-2.4	-3.2	7.6	-2.6	-3.5
Setembro	-1.4	-2.3	-2.9	-1.4	-2.5	-3.1

Fonte : FIBGE Indicadores

- 1 - sobre mesmo mes do ano anterior
- 2 - sobre igual periodo do ano anterior
- 3 - acumulada de 12 meses

Tabela 3

BRASIL - Taxas de Crescimento da Produção Industrial
Por Setores de Uso
Em Porcentagem

ANO/SET	1988															
	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	
Bens de Capital																
Mensal 1	-8.4	12.1	-12.7	-12.3	-4.3	-1.1	-9.6	-4.9	6.2	-5.1	-4.5	-0.5	-1.4	10.5	-1.7	
Acumulada 2	3.8	1.7	-0.2	-1.6	1.9	-1.8	-9.3	-7.2	-3.1	-3.2	-3.5	-2.8	-2.7	-1.2	-1.2	
12 Meses 3	9.5	6.9	3.6	0.7	-1.1	-1.8	-3.1	-4.4	-5.0	-5.6	-6.4	-6.0	-5.4	-3.6	-2.6	
Bens Intermediarios																
Mensal	-2.3	-3.3	-4.3	-5.7	-2.9	-5.5	-6.4	-5.6	0.2	-5.3	-4.3	2.5	1.2	6.8	-0.9	
Acumulada	5.5	4.3	3.2	2.1	1.6	1.1	-6.3	-6.0	-3.9	-4.2	-4.1	-3.3	-2.4	-1.2	-1.1	
12 Meses	6.9	6.0	4.4	2.9	2.0	1.1	0.1	-1.1	-1.9	-2.9	-3.6	-3.6	-3.3	-2.4	-2.1	
Bens Cons. Duraveis																
Mensal	-25.3	-9.0	-12.2	-10.6	6.2	4.4	-17.3	-17.2	-7.1	-10.1	-4.6	3.3	25.7	25.1	1.7	
Acumulada	-5.7	-6.1	-6.9	-7.3	-6.1	-5.4	-17.3	-16.9	-8.9	-8.1	-9.0	-6.2	-2.7	0.7	0.9	
12 Meses	-1.0	-2.3	-5.0	-6.6	-5.7	-5.4	-6.8	-6.7	-8.0	-8.7	-8.2	-7.3	-3.7	-1.0	0.4	
Bens Cons. N Duraveis																
Mensal	-8.2	-4.8	-2.1	-6.6	-1.6	-2.7	-8.7	-11.9	-1.9	-10.7	-7.7	3.4	2.7	6.7	-0.8	
Acumulada	6.0	4.4	3.5	2.3	2.0	1.6	-8.7	-10.2	-7.5	-8.3	-8.2	-6.0	-5.0	-3.5	-3.2	
12 Meses	7.0	5.8	4.3	2.9	2.2	1.6	0.5	-1.4	-2.8	-4.4	-5.4	-5.2	-4.5	-3.5	-3.4	

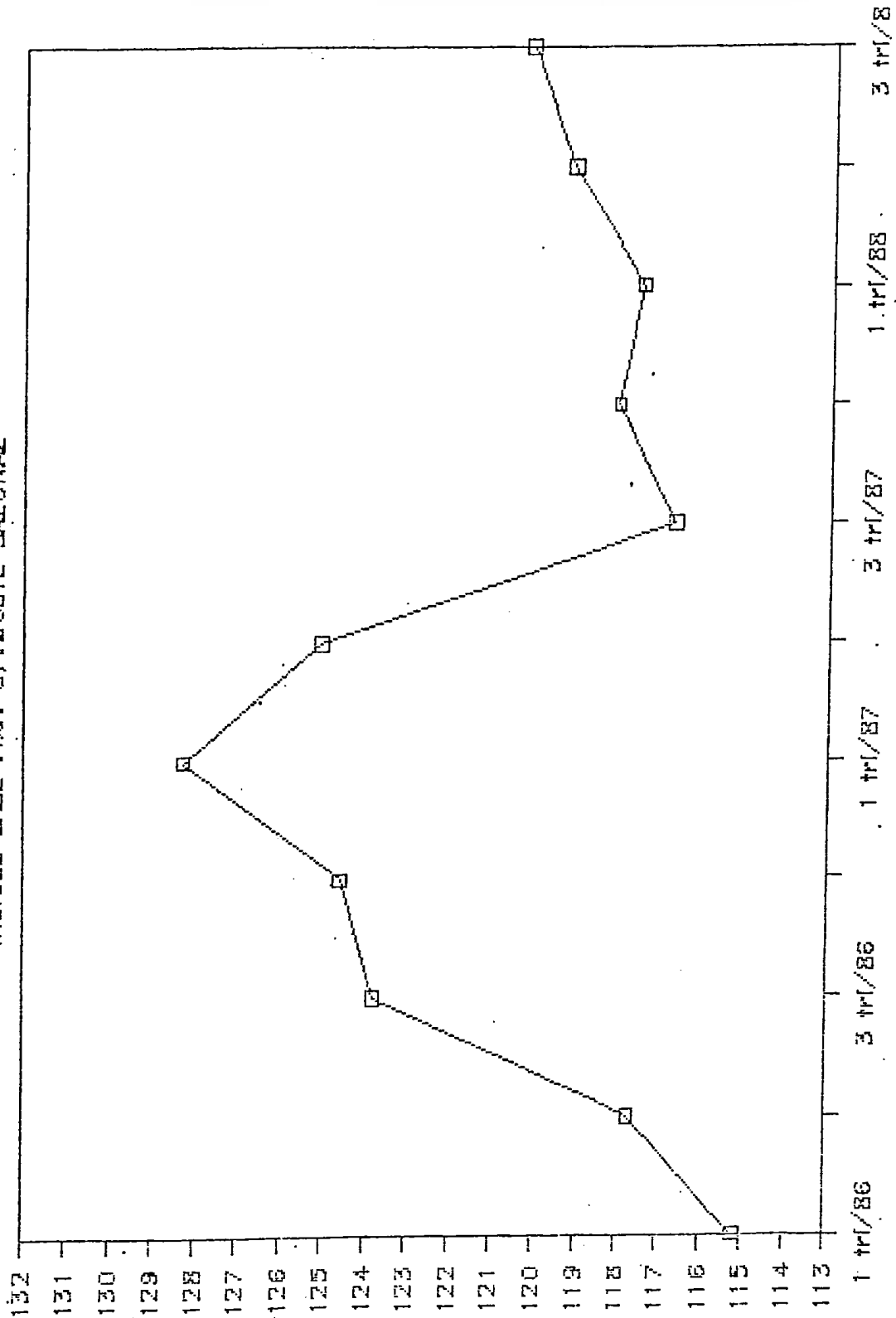
Fonte : FIBGE Indicadores

sobre igual mes do ano anterior
sobre igual período do ano anterior
acumulada de 12 meses

Gráfico 1

EVOLUCAO DA PRODUCAO - IND. TRANSFORMACAO

INDICES BASE FIXA - G/AJUSTE SAZONAL

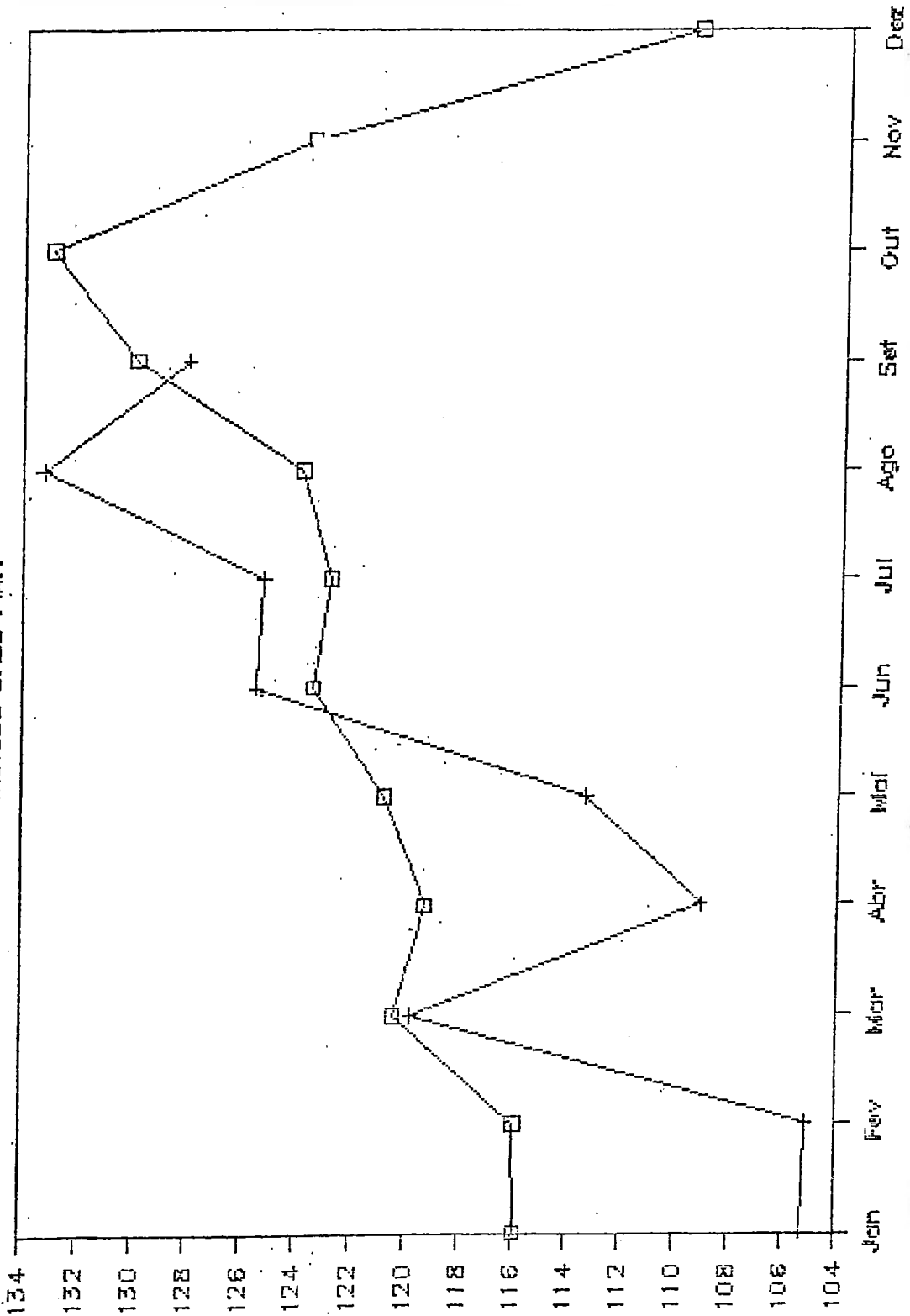


INDICES 1981 = 100 (TÍTULOS)

Gráfico 2

EVOLUCAO DA PRODUCAO - IND. TRANSFORMACAO

INDICES BASE FIXA



INDICES BASE FIXA 1981=100

Gráfico 3

EVOLUCAO DA IND. DE TRANSFORMACAO

TAXAS DE CRESCIMENTO DA PRODUCAO

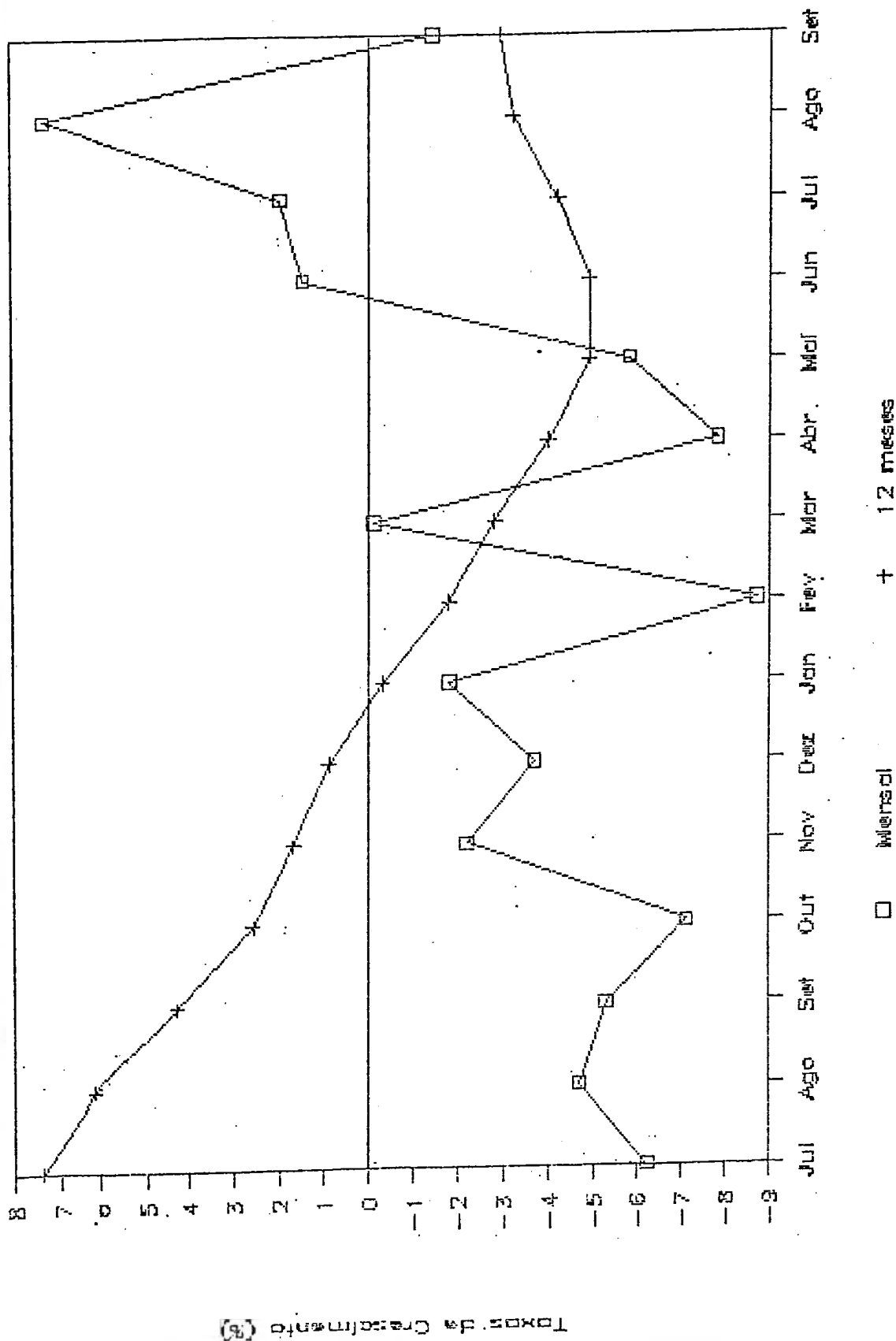
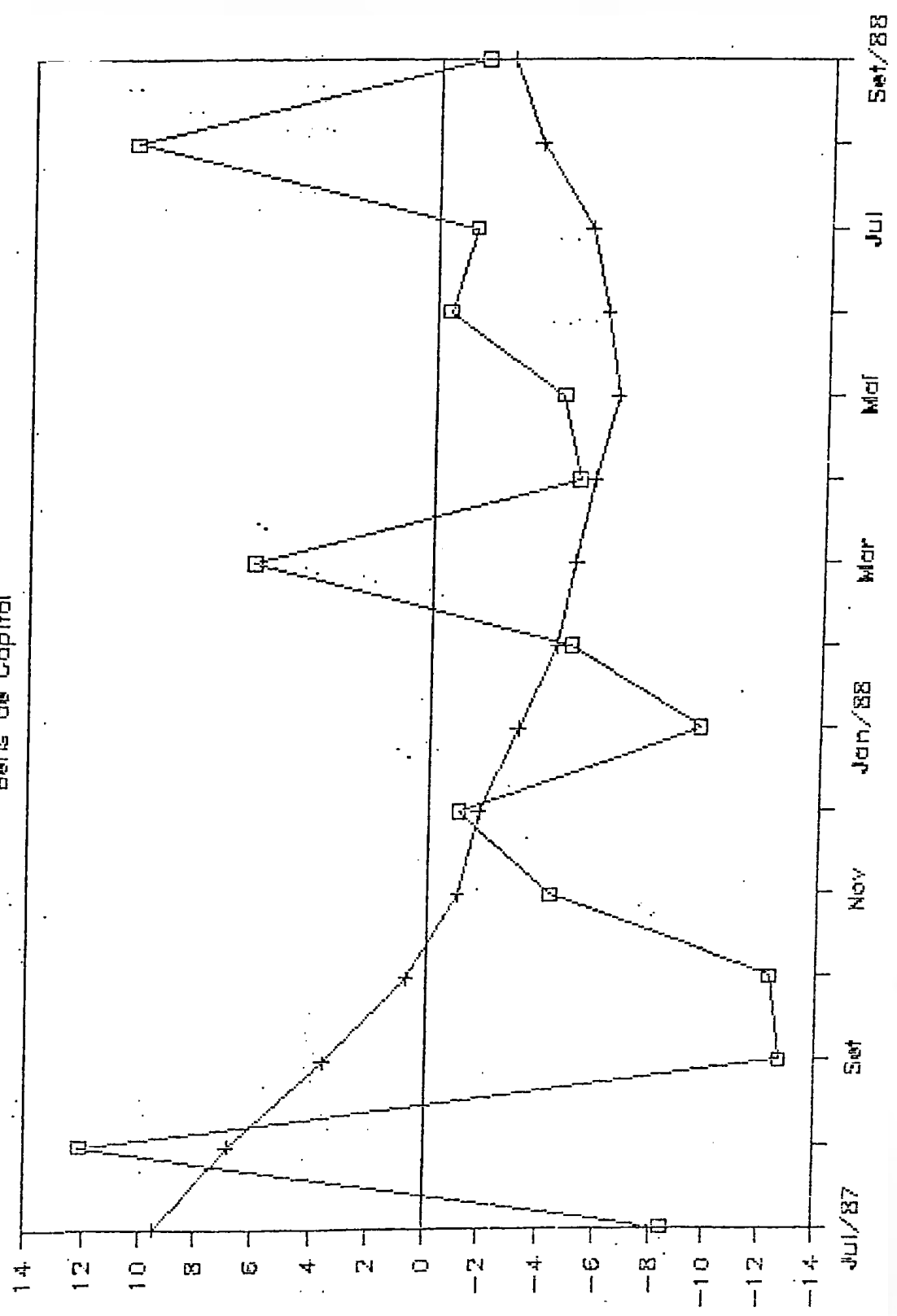


Gráfico 3a.

EVOLUCAO DA PRODUCAO INDUSTRIAL

Bens de Capital



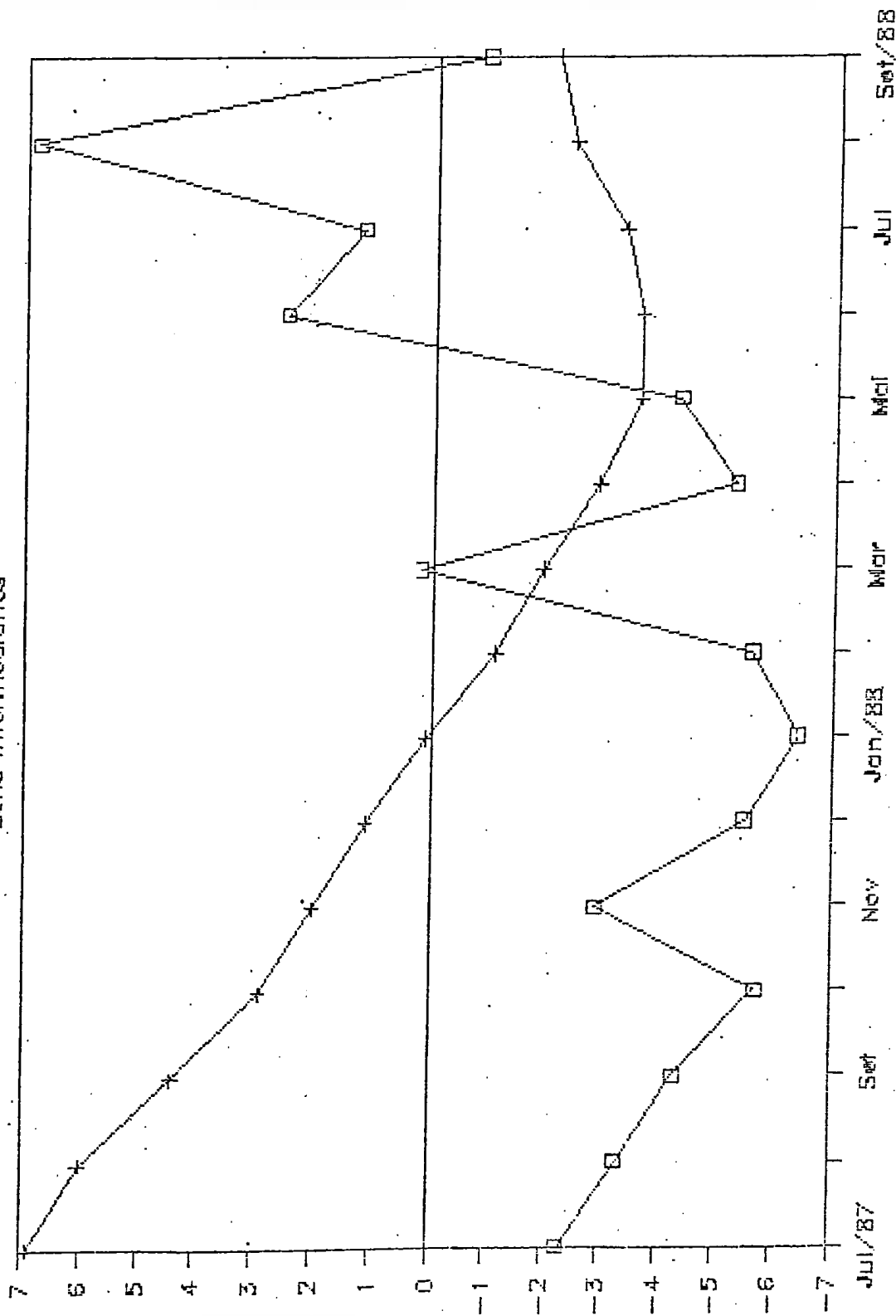
□ Mensal + 12 meses

Taxas de Crescimento (%)

Gráfico 3b

EVOLUCAO DA PRODUCAO INDUSTRIAL

Bens Intermediarios



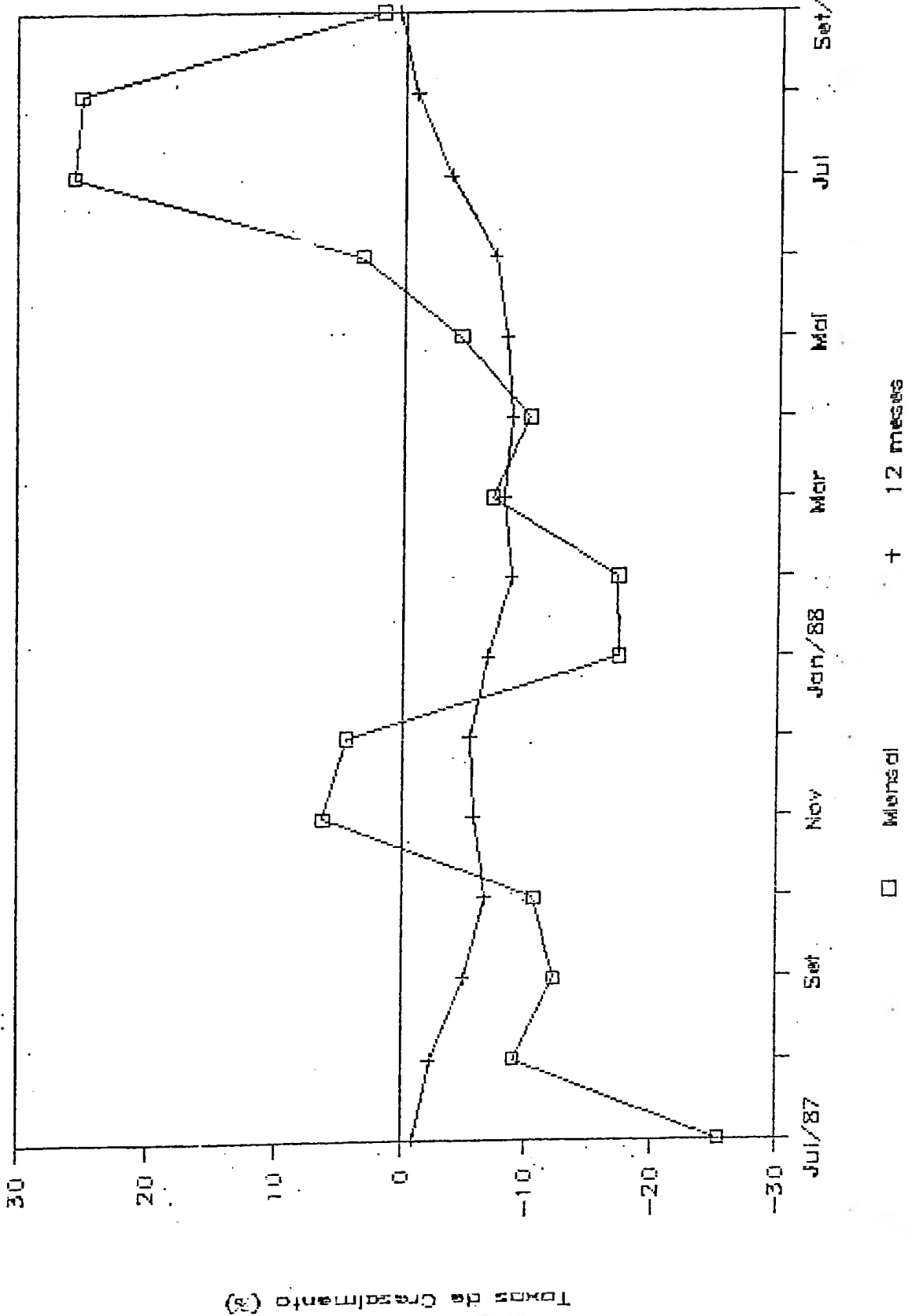
Taxa de Crescimento (%)

□ Mensal + 12 meses

Grafico 3c

EVOLUCAO DA PRODUCAO INDUSTRIAL

Bens de Consumo Duraveis



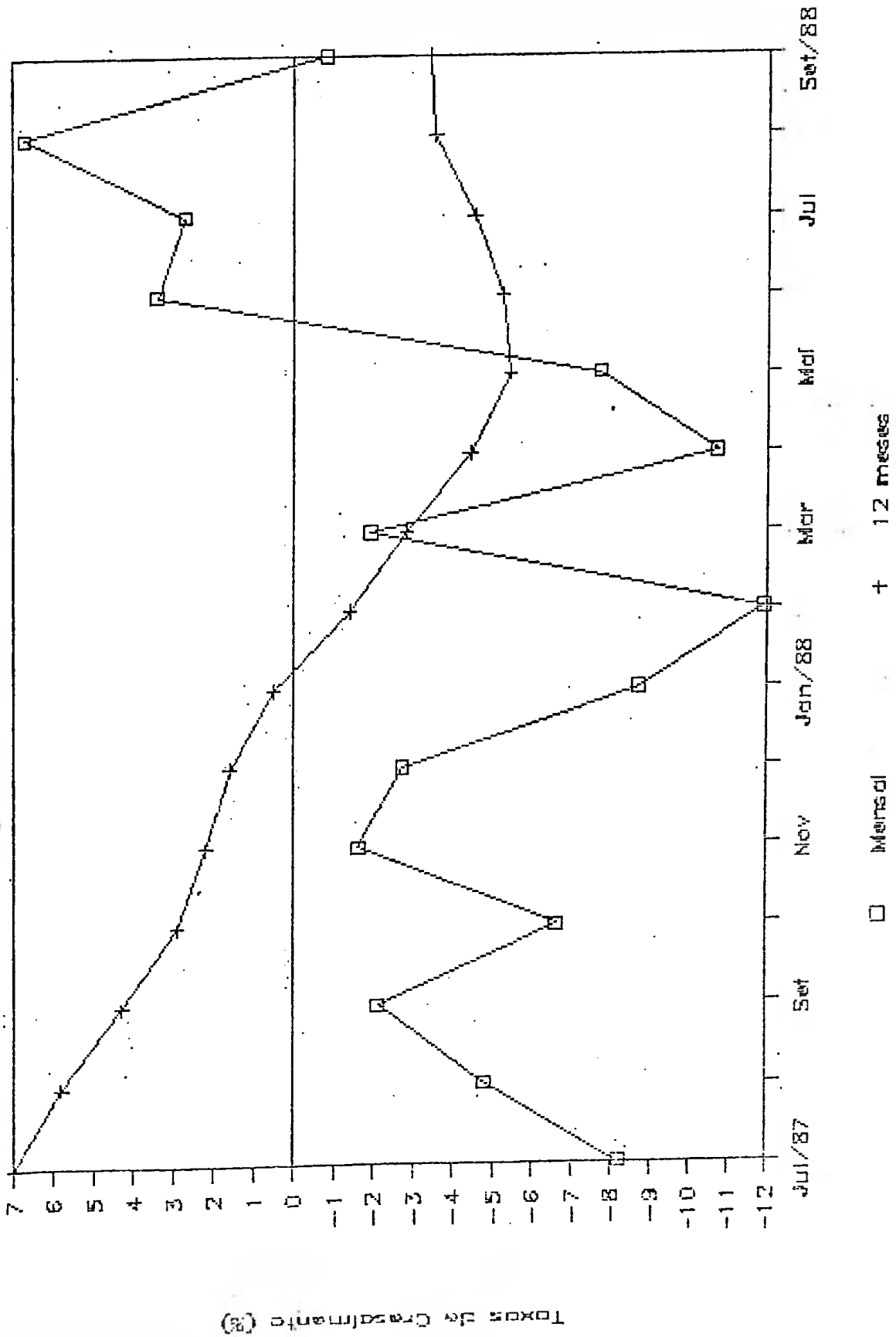
□ Mensal

+ 12 meses

Gráfico 3d

EVOLUCAO DA PRODUCAO INDUSTRIAL

Bens de Consumo Nao Duraveis



ANEXO: Nota Metodológica

A Projeção do índice de Produção Industrial - IBGE¹

A projeção do índice de produção industrial-indústria geral obedece ao seguinte modelo econométrico:

$z_t = \beta x_t + a_t$, $t = 1, 2, \dots, n$ (1), onde as variáveis z_t e x_t são, em ambos os casos, construídas da seguinte maneira:

a) calcula-se a primeira diferença das observações originais;

b) para cada ano, consideram-se as médias das observações correspondentes a cada mês; e

c) para cada observação obtida em a) calcula-se o desvio em relação à correspondente média obtida em b).

Finalmente, o termo a_t da equação (1) é uma variável aleatória "ruído branco", isto é, tem distribuição com média zero e variância constante.

Com a metodologia indicada, e utilizando-se a série do índice no período de 1/1979 a 9/1988, obtém-se a equação estimada:

$z_t = 1,9223x_t$, $\hat{\sigma}^2 = 6,95$ (3), onde o valor entre parênteses é a estimativa do desvio padrão de $\hat{\beta}$.

Esta última equação permite que sejam estimados os índices para os meses seguintes e, conseqüentemente, a variação acumulada em 12 meses, desde que efetuadas as transformações inversas às indicadas acima. A projeção destes dois indicadores para o 4º trimestre de 1988 figura na tabela abaixo:

Projeção	No Mês	Variação Acumulada em 12 meses (%)
Outubro	131,3	- 2,40
Novembro	125,4	- 2,26
Dezembro	116,2	- 1,70

¹Elaborada por Carlos Henrique Motta Coelho e Moyses Tenemlat, ambos do IPLAN/IPEA.

3. INVESTIMENTO

Não existem sinais de reversão da tendência de retração da taxa de investimentos na economia observada desde o início da década, apesar da ligeira recuperação no período 1985-1987 (1º trimestre)¹. Para tanto, além da redução significativa dos investimentos públicos, convergem vários fatores, associados à situação político-econômica vivida pelo País na década, que afetam negativamente as expectativas empresariais. Entre elas destaca-se, mais recentemente, o recrudescimento do processo inflacionário.

Segundo projeções do IPEH/INPES, a taxa de investimentos da economia deverá situar-se abaixo de 17% em 1988, nível semelhante ao do período 1983-85, contra cerca de 18% no início do ano, evidenciando tendência de queda mesmo no curto prazo. O indicador de investimentos elaborado pelo IEI/UFRJ também mostra movimento descendente no curto prazo. Segundo esse indicador, o índice de formação bruta de capital fixo na economia cai, de 99,3 no 1º trimestre de 1988, para cerca de 98 no período janeiro-agosto (base 1987 = 100).

No tocante à indústria de transformação, é escassa a disponibilidade de indicadores que permitam uma avaliação conjuntural do ritmo dos investimentos. Os dados anuais da pesquisa de investimentos físicos da FGV até 1987 revelam um comportamento semelhante ao evidenciado pelos indicadores mais globais de investimentos, mostrando uma redução acentuada do valor real das inversões entre 1980 e 1984. A partir desse último ano, inicia-se um processo de recuperação, acentuado em 1986, sendo que apenas em 1987 o valor dos investimentos iguala as aplicações efetuadas em 1980².

¹Conforme salientado no Boletim de Conjuntura anterior, os indicadores disponíveis oferecem sinais contraditórios ao longo de 1988, não permitindo, ainda, a visualização de qualquer tendência. Cita-se, como exemplo: a elevação das aprovações pelo CDI, em contrapartida a uma redução do valor real das consultas feitas ao BNDES (-34% no período janeiro-outubro); da mesma forma verificam-se comportamentos assimétricos com relação ao volume de pedidos em carteira no setor de bens de capital.

²São os seguintes os índices dos valores reais dos investimentos fixos (1980 = 100) da pesquisa da FGV:

1981 =	97,3
1982 =	98,9
1983 =	91,3
1984 =	77,1
1985 =	80,2
1986 =	96,5
1987 =	100,0

Além da deterioração nos níveis de investimento na indústria, existem indicações de uma concentração acentuada das aplicações em determinados segmentos, entre os quais destacam-se os produtores de bens intermediários (principalmente química, papel e papelão e metalurgia). Para isso, teriam contribuído: a implantação de projetos de grande porte programados e/ou iniciados ainda nos anos 70; a intensificação dos investimentos de ampliação da produção por modernização e melhoria operacional, nos segmentos com abertura crescente para o mercado externo; e, mais recentemente, o início de novos programas de investimento em áreas de insumos básicos (química e papel e celulose).

Com o objetivo de avaliar, de forma desagregada, o comportamento do investimento industrial no passado recente pelo seu impacto sobre a ampliação do potencial instalado de produção, procedeu-se a uma comparação gráfica das curvas do produto real e do grau de utilização da capacidade instalada (ambas tendo como base de referência o ano de 1980, no qual foram atingidos níveis de produção e de ocupação relativamente elevados) ao nível dos principais gêneros industriais no período 1980-1988 (Tabela 1 e Gráfico 1/1a-1j)³.

Ao nível da indústria de transformação como um todo, essa comparação evidencia, até 1984, um comportamento razoavelmente semelhante entre as duas curvas, o que indicaria uma relativa estabilização do nível de capacidade instalada global da indústria no período, com o crescimento da produção naquele ano dando-se, sobretudo, pelo aumento de utilização de capacidade. A partir de 1985 verifica-se um descolamento das curvas, que se acentua em 1986, com a produção crescendo mais intensamente, refletindo o impacto de investimentos em aumento de capacidade instalada. A análise dos números-índices anuais mostra um pico de produção em 1986 (+8% em relação a 1980), verificando-se também nesse ano um nível de utilização de capacidade semelhante ao do início da década.

Já com relação aos principais gêneros industriais, destacam-se as observações abaixo.

³Vale ressaltar que esses indicadores são elaborados por instituições diferentes (produto real - IBGE, e utilização de capacidade - FGV), a partir de amostras também diferentes, o que implica que os resultados obtidos devam ser relativizados, particularmente nos casos dos segmentos com baixo grau de concentração da produção. Cumpre também salientar o caráter rudimentar e superficial do exercício, que apenas buscou indícios da ocorrência de investimentos com impacto relevante na ampliação da capacidade de produção, não se prestando a uma avaliação aprofundada do processo de investimento industrial na década (que pudesse, por exemplo, identificar a intensidade dos gastos em modernização tecnológica).

- No gênero de material de transporte, no qual a indústria automobilística é preponderante, não é identificado qualquer impacto que pudesse indicar a ocorrência de investimentos significativos em ampliação de capacidade instalada, tendo em vista que as duas curvas seguem praticamente juntas ao longo de todo o período. O índice de produção é sempre inferior ao verificado em 1980, tendo atingido um pico anual de 91,9 em 1986.

- Nos gêneros de mecânica e têxtil, a análise gráfica também não indica a ocorrência de qualquer processo relevante de investimento em ampliação de capacidade. Pelo contrário, durante o período recessivo de 1981-1983 observa-se o descolamento das duas curvas, com a produção caindo mais intensamente do que o nível de utilização, o que, além da influência dos aspectos metodológicos envolvidos na construção dos indicadores, poderia estar sinalizado, em alguma medida, dada a magnitude do fenômeno, um redimensionamento periódico do potencial de produção (por diminuição de turnos, deslocamento de fatores de produção, etc.).

- Nas indústrias de papel e papelão e química é nítida, desde o início da década, a realização de investimentos em ampliação de capacidade, dado o crescimento acentuado da produção, associado a uma relativa estabilidade na ocupação de capacidade. Em ambos os casos, a produção alcança seu pico em 1987, quando supera em 32% e 29% a observada em 1980, respectivamente. Vale notar a elevação substancial dos níveis de ocupação de capacidade da indústria química nos últimos três anos. Isso estaria indicando que os investimentos tipo ampliação por melhoria operacional estão progressivamente esgotando seu potencial para ampliação significativa da capacidade de produção⁴.

- Por último, distingue-se um outro agrupamento de indústrias (minerais não metálicos, metalurgia, material elétrico e de comunicações e borracha), onde parece ter ocorrido algum investimento com resultado no incremento da capacidade instalada (significativamente menos expressivo do que nos casos de química e papel e papelão) apenas a partir de 1985-1986, ou seja, depois do período recessivo.

Mais recentemente (a partir de 1987), não se verifica, de maneira geral, qualquer indício mais expressivo de impacto de investimentos. Deve-se ressaltar, contudo, que a natureza dos indicadores utilizados não permite detectar a realização de investimentos, particularmente os de grande porte, em prazos curtos, dado o "lag" existente entre a ocorrência desses investimentos e o impacto na produção.

⁴-----
O comportamento estável da curva de utilização de capacidade nos casos dessas duas indústrias mostra, basicamente, o impacto desse tipo de investimento, dado que inversões de grande porte de ampliação ou implantação implicariam necessariamente movimentos mais acentuados nessa curva.

Tabela 1

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO E DA UTILIZAÇÃO DE
CAPACIDADE NA INDÚSTRIA
Índices base 1980=100

GÊNEROS	Discriminação	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988
Ind. de Transformação	Ut. Capacidade 1/	100.0	90.1	90.1	86.9	89.9	94.0	95.4	94.9	94.9
	Produção 2/	100.0	89.6	89.4	83.9	89.0	96.4	107.8	108.9	106.0
Minerais Não Metálicos	Ut. Capacidade	100.0	90.9	90.3	79.3	74.9	78.7	67.8	80.4	80.4
	Produção	100.0	94.6	92.2	77.0	76.9	82.6	97.5	100.9	96.9
Metalurgia	Ut. Capacidade	100.0	65.4	64.3	67.7	95.8	96.6	98.0	93.6	95.2
	Produção	100.0	83.0	79.9	78.0	88.8	95.5	106.1	107.0	104.1
Mecânica	Ut. Capacidade	100.0	67.5	61.9	73.1	82.8	91.3	109.0	93.6	92.5
	Produção	100.0	80.3	66.1	57.5	68.2	75.1	91.5	95.7	88.4
Mat. Elétrico e de Comunicações	Ut. Capacidade	100.0	88.3	91.2	84.5	88.3	98.1	104.7	98.4	94.0
	Produção	100.0	84.6	87.1	77.7	79.9	95.3	119.1	112.6	108.0
Mats. de Transporte	Ut. Capacidade	100.0	74.5	72.1	75.0	75.3	81.1	91.9	81.4	90.1
	Produção	100.0	77.1	74.8	69.6	73.0	81.5	91.6	82.5	90.8
Papel e Papelão	Ut. Capacidade	100.0	94.5	96.4	94.5	96.2	93.4	99.7	97.0	95.9
	Produção	100.0	93.1	99.8	101.5	108.4	115.4	127.5	132.2	129.1
Borracha	Ut. Capacidade	100.0	81.8	78.4	74.2	83.9	90.5	92.4	82.4	94.2
	Produção	100.0	85.4	80.2	80.9	86.0	95.2	111.4	115.1	118.7
Química	Ut. Capacidade	100.0	92.0	94.5	92.8	93.4	94.7	93.9	99.7	97.4
	Produção	100.0	97.6	105.4	101.7	111.1	116.3	122.3	129.6	127.8
Têxtil	Ut. Capacidade	100.0	90.5	93.0	87.4	92.5	99.4	101.4	97.5	95.5
	Produção	100.0	86.3	90.5	81.0	78.0	88.6	100.3	100.0	95.3
Produtos Alimentares	Ut. Capacidade	100.0	97.3	97.3	97.0	98.0	101.3	97.0	98.0	95.7
	Produção	100.0	102.7	104.0	107.1	106.2	106.3	106.7	114.4	111.0

Fonte: Dados básicos IBGE e FGV
Elaboração: CII/IPLAN/IPEA

1/ - Nível de utilização da capacidade
instalada/FGV, base 1980=100

2/ - Índices de Produto Real/IBGE
base 1980=100

Gráfico 1

PRODUÇÃO X UTILIZAÇÃO CAPACIDADE

Indústria de Transformação

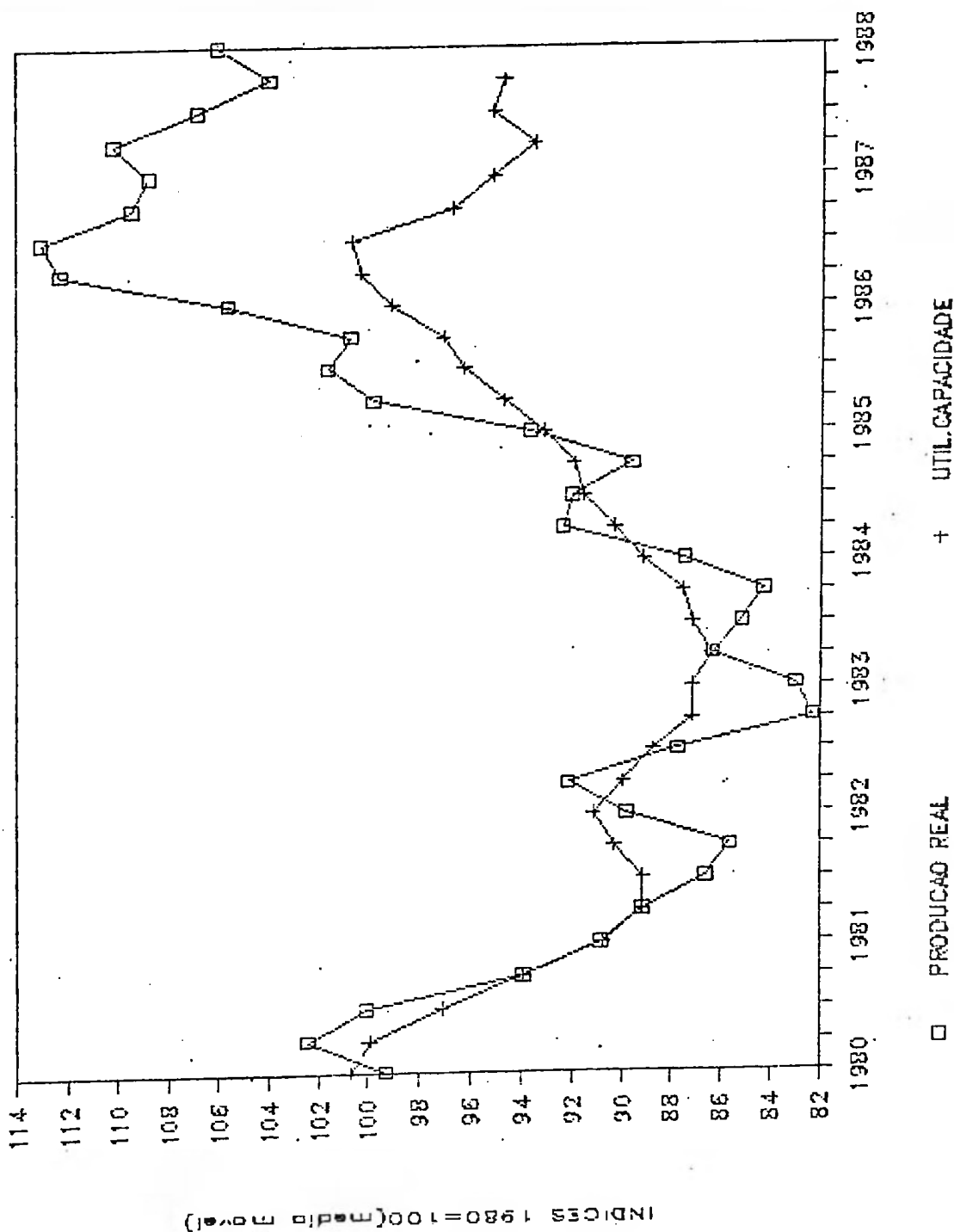


Gráfico lá

PRODUCAO X UTILIZACAO CAPACIDADE

Material de Transporte

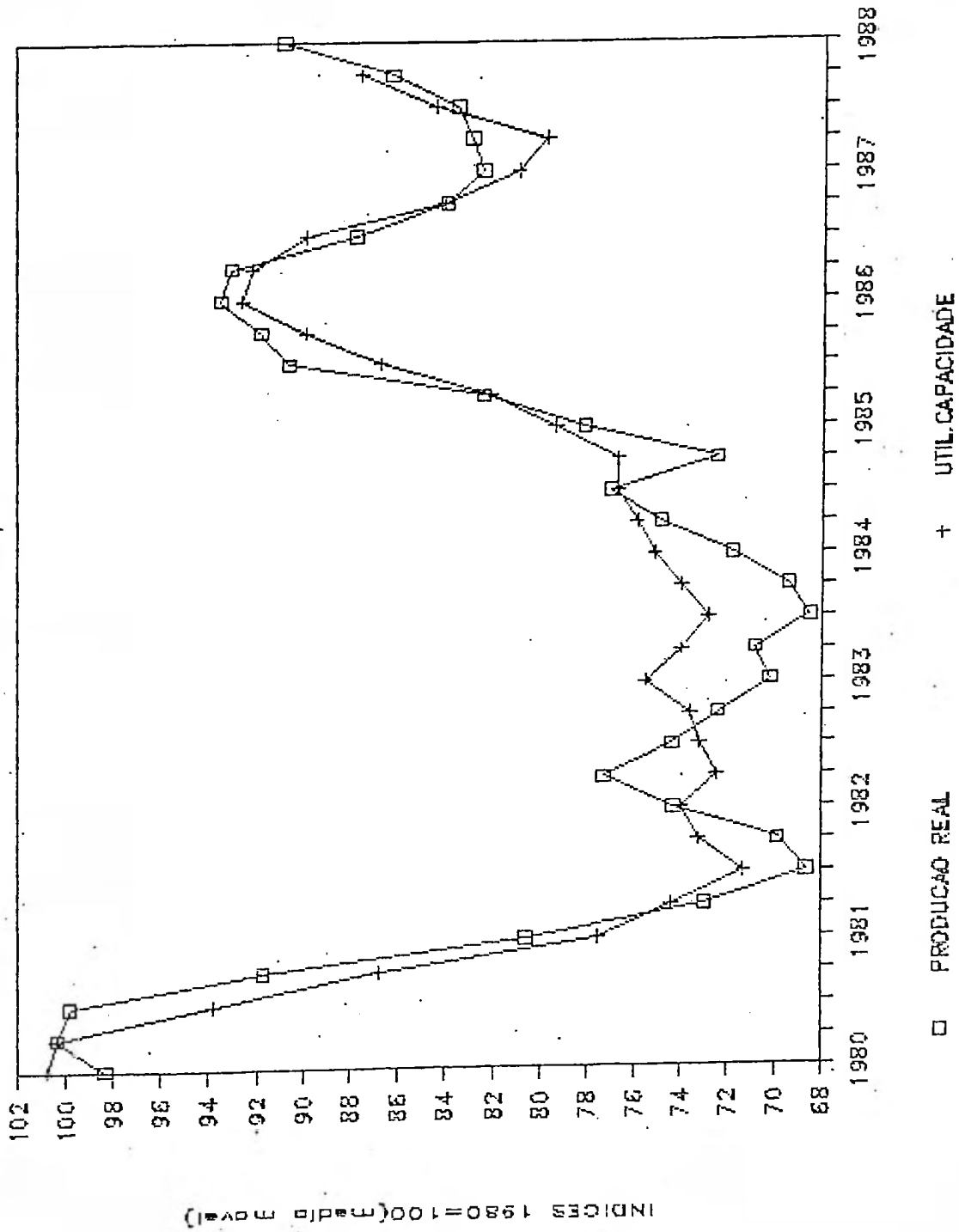


Gráfico 1b

PRODUCAO X UTILIZACAO CAPACIDADE

Mecânica

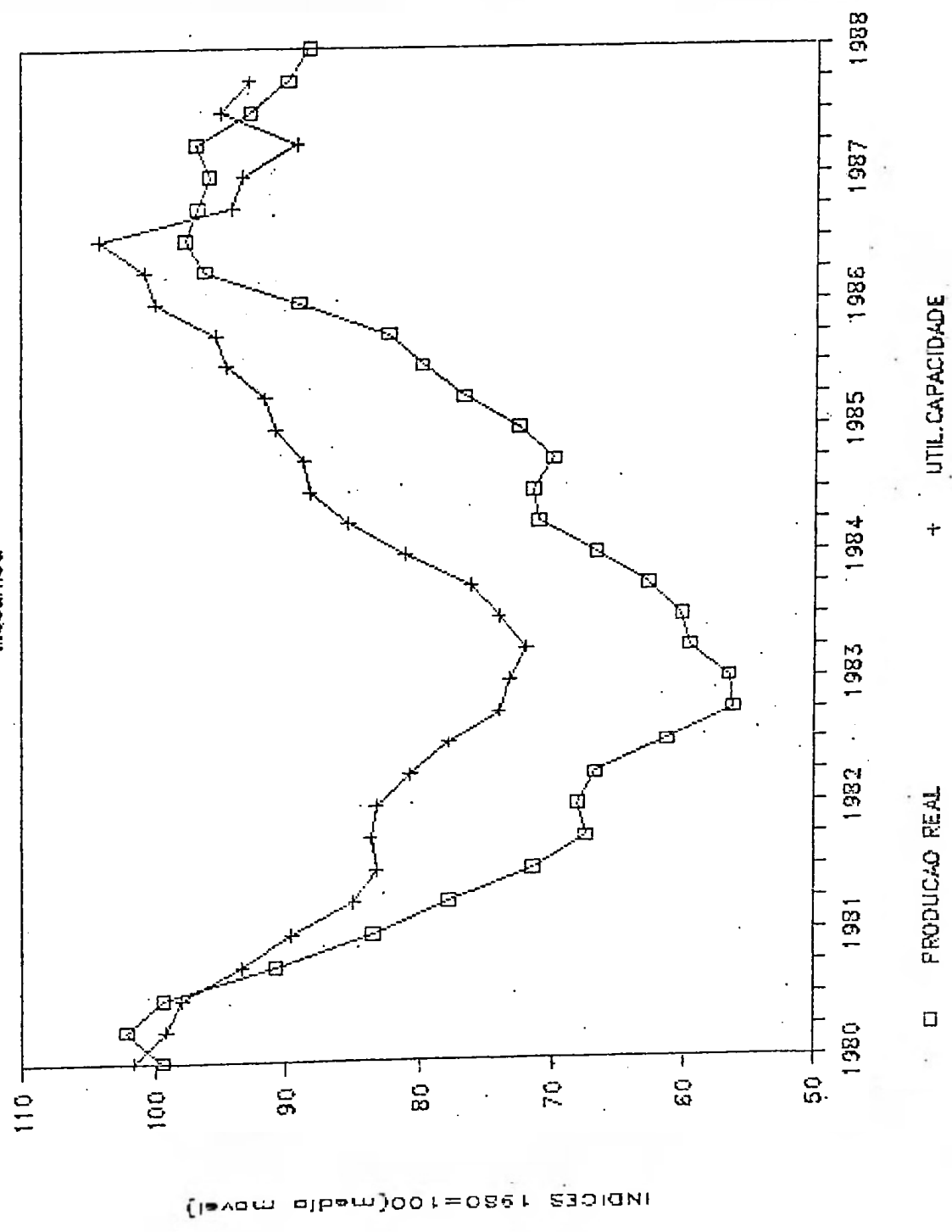


Gráfico 1c PRODUÇÃO X UTILIZAÇÃO CAPACIDADE Têxtil

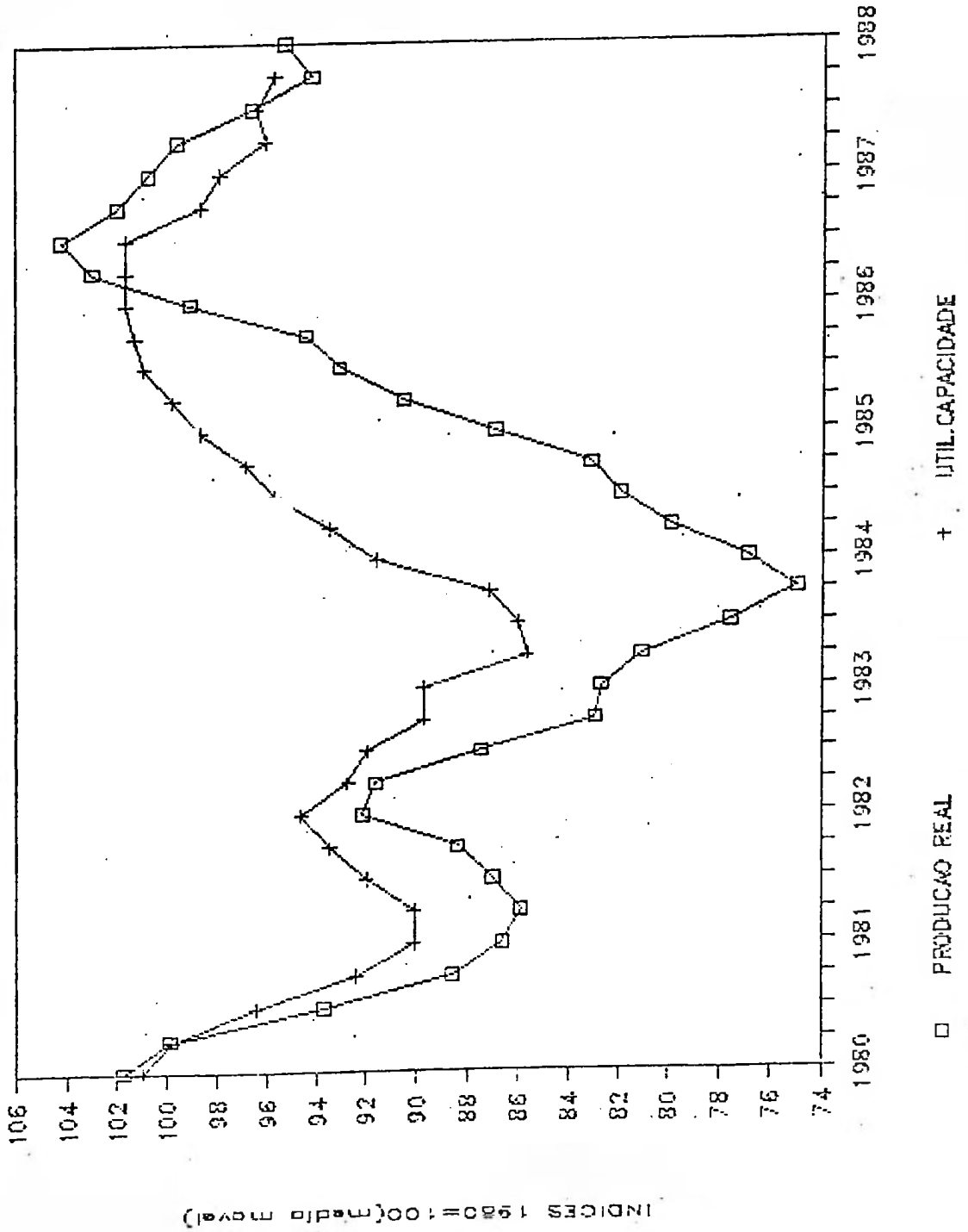


Gráfico 1d

PRODUÇÃO X UTILIZAÇÃO CAPACIDADE

Papel e Papelão

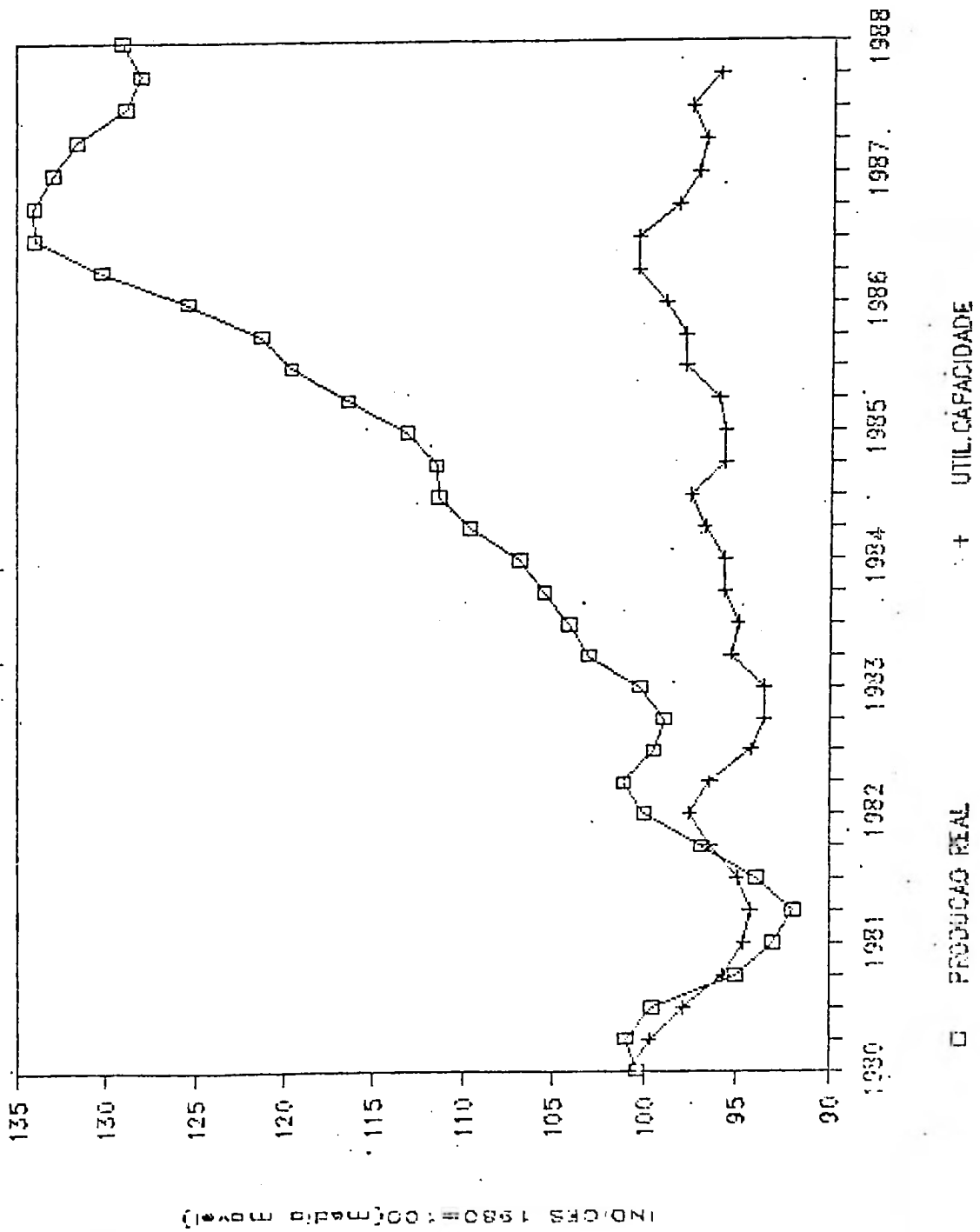
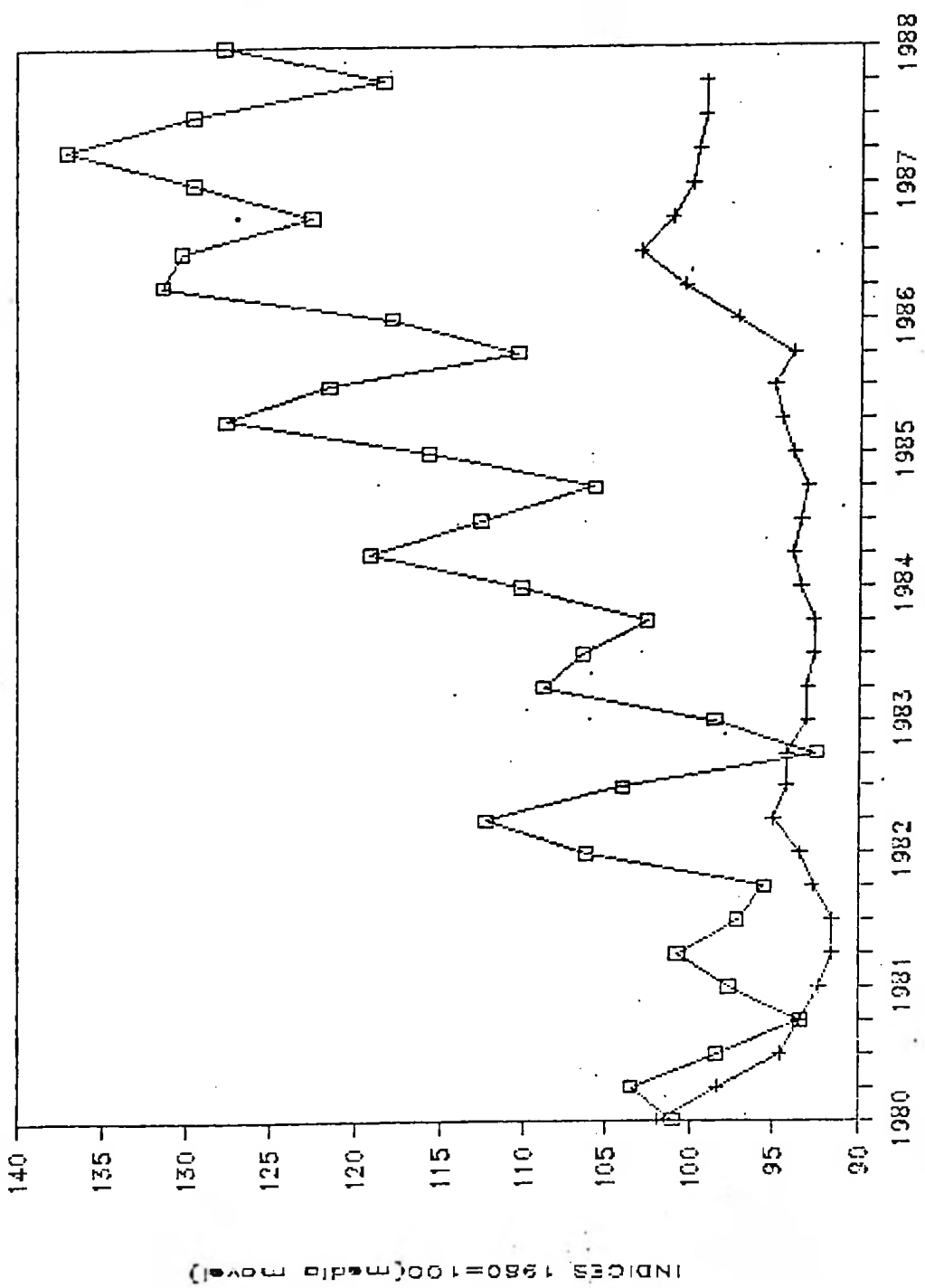


Gráfico de PRODUÇÃO X UTILIZAÇÃO CAPACIDADE

Química



□ PRODUÇÃO REAL + UTIL. CAPACIDADE

Gráfico 1f PRODUCAO X UTILIZACAO CAPACIDADE

Minerais Não-Metálicos

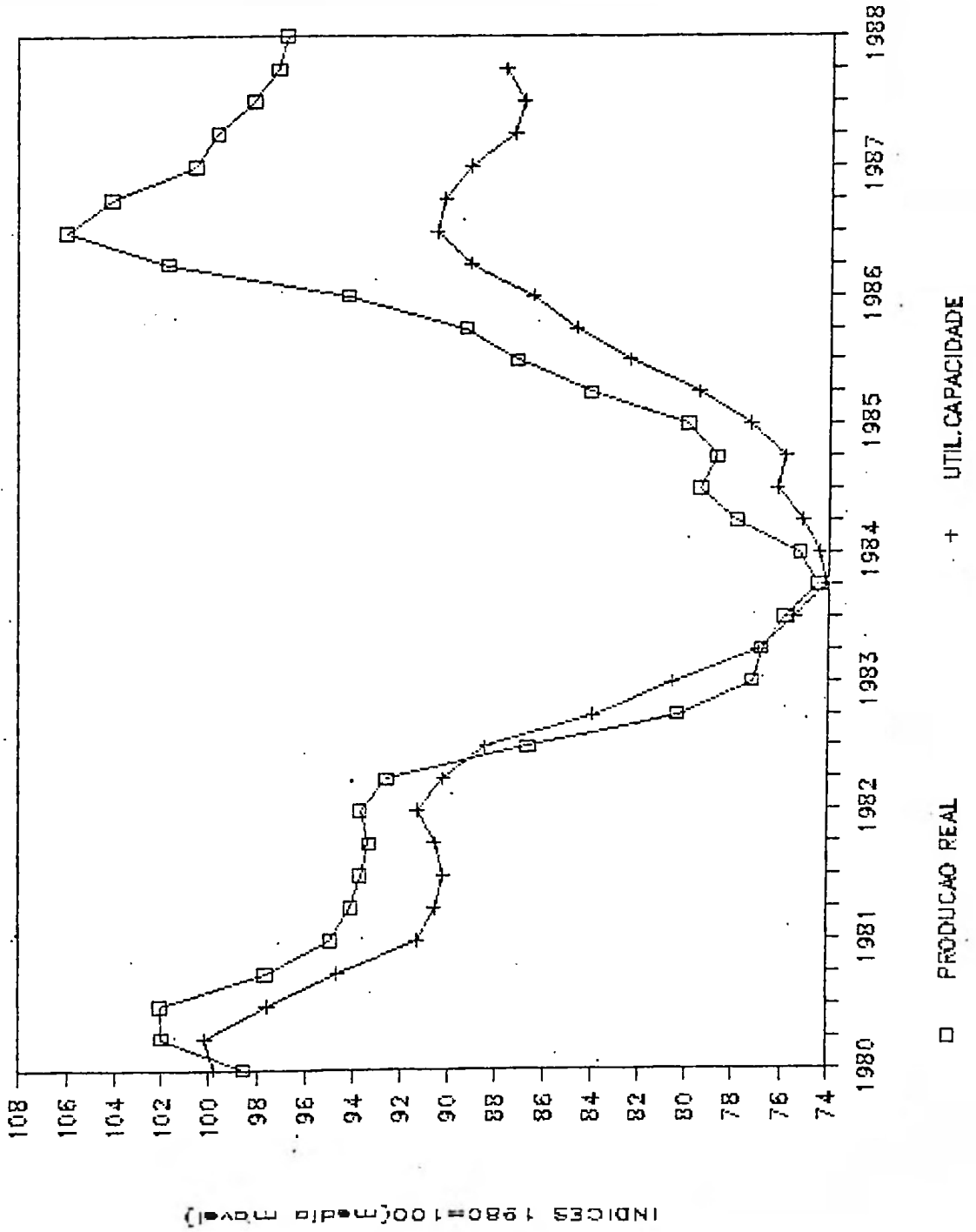


Gráfico 19

PRODUCAO X UTILIZACAO CAPACIDADE

Metallurgia

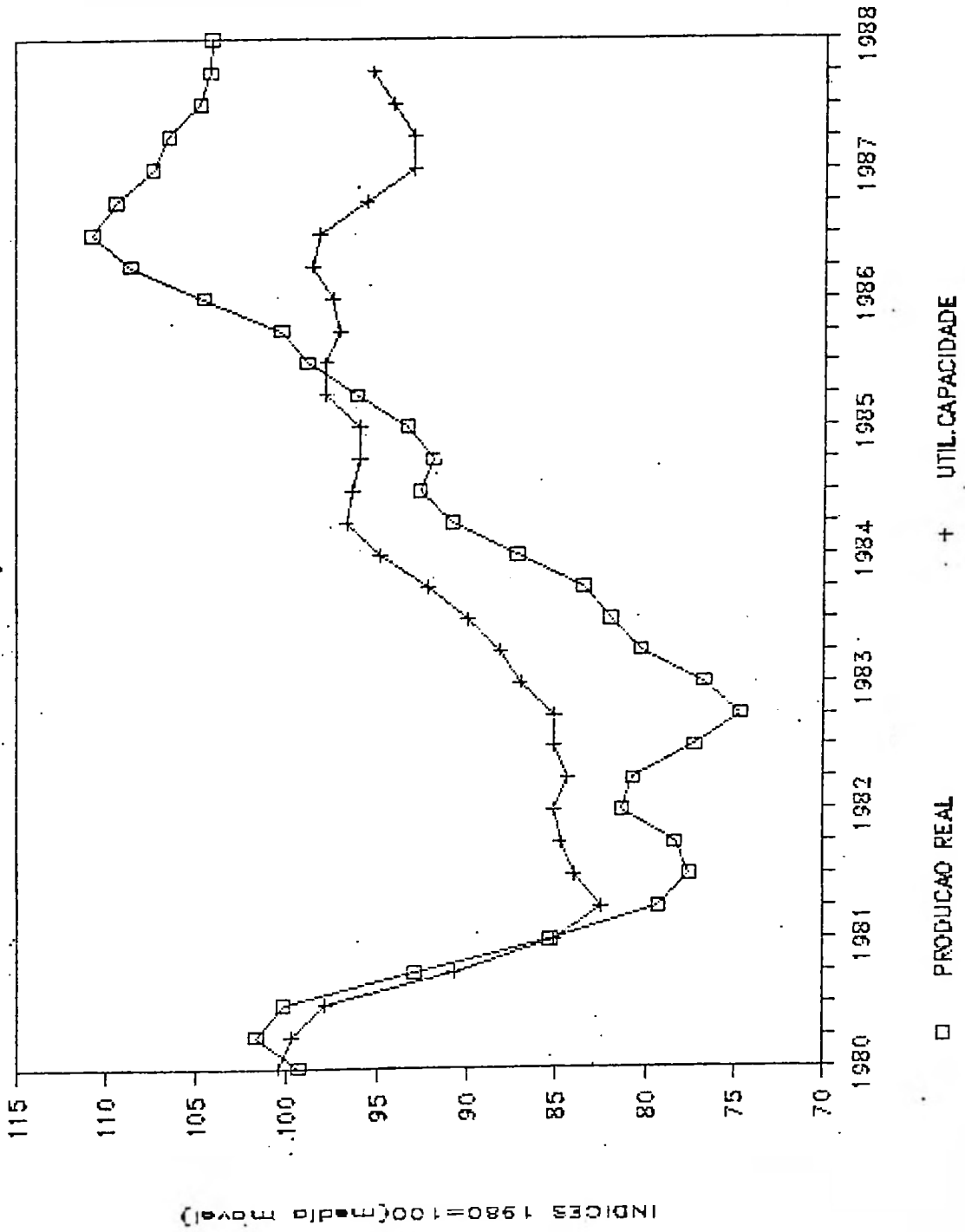
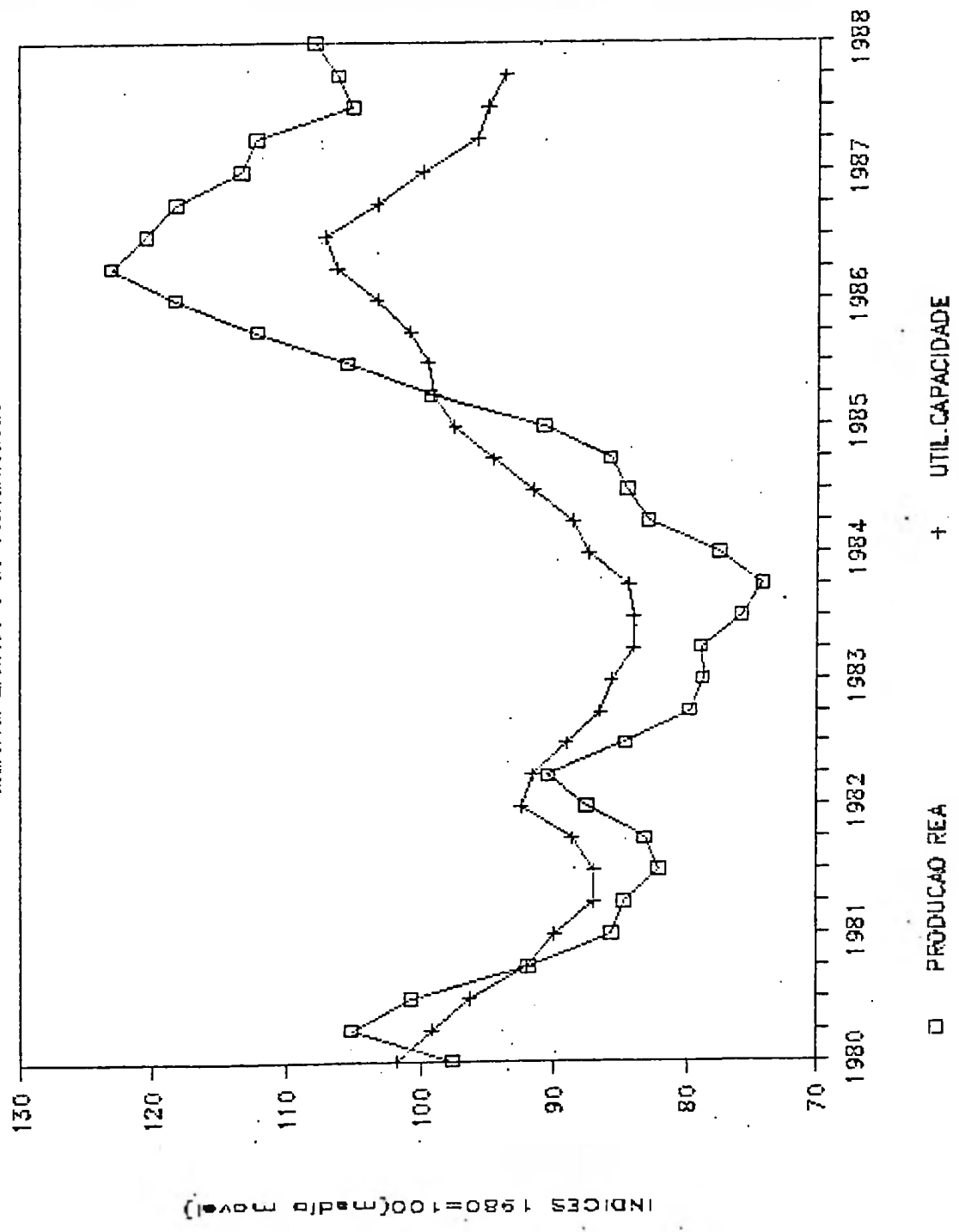


Gráfico 1h

PRODUCAO X UTILIZACAO CAPACIDADE

Material Elétrico e de Comunicacao



□ PRODUCAO REA

+ UTIL. CAPACIDADE

Gráfico 11

PRODUÇÃO X UTILIZAÇÃO CAPACIDADE

Borracha

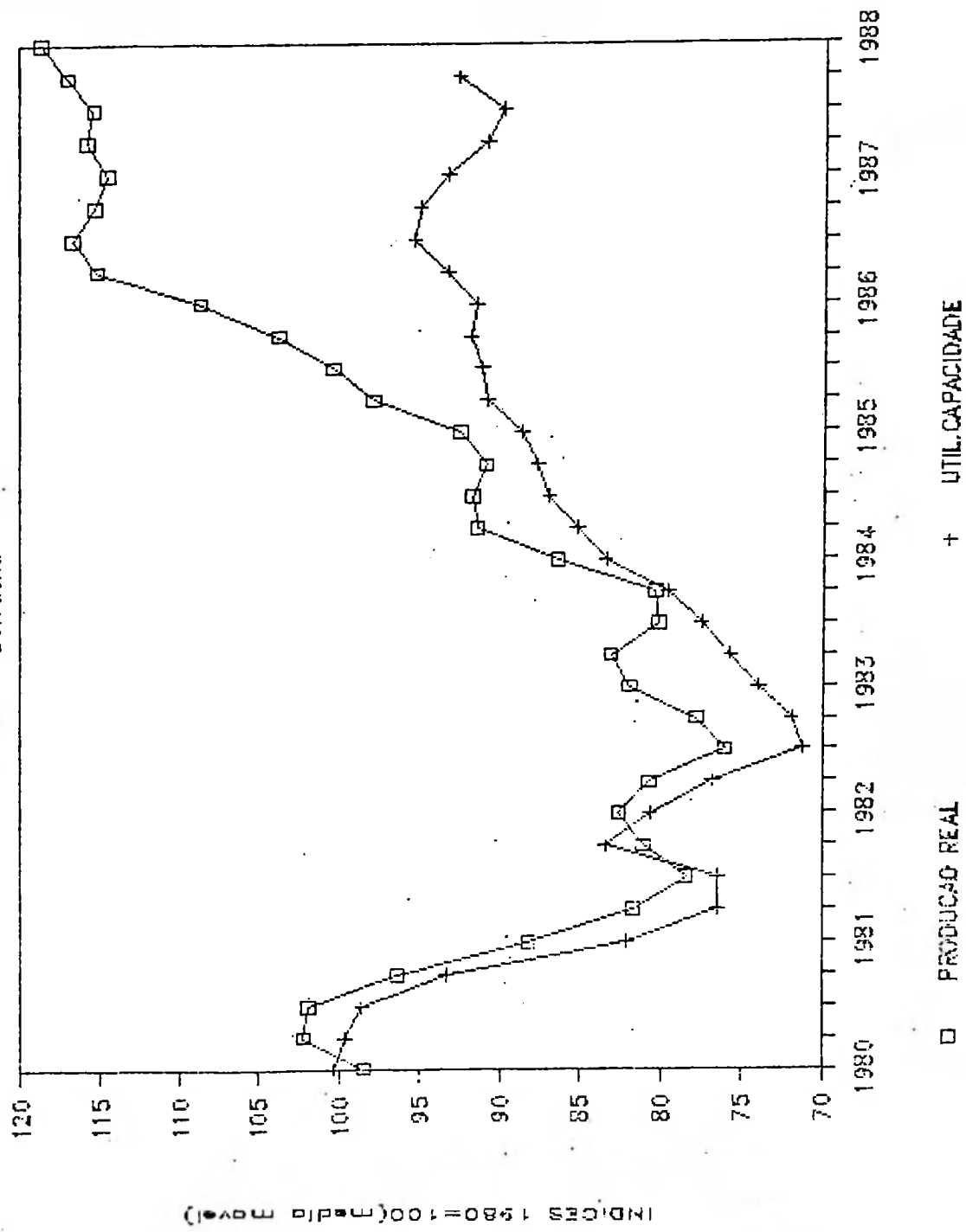
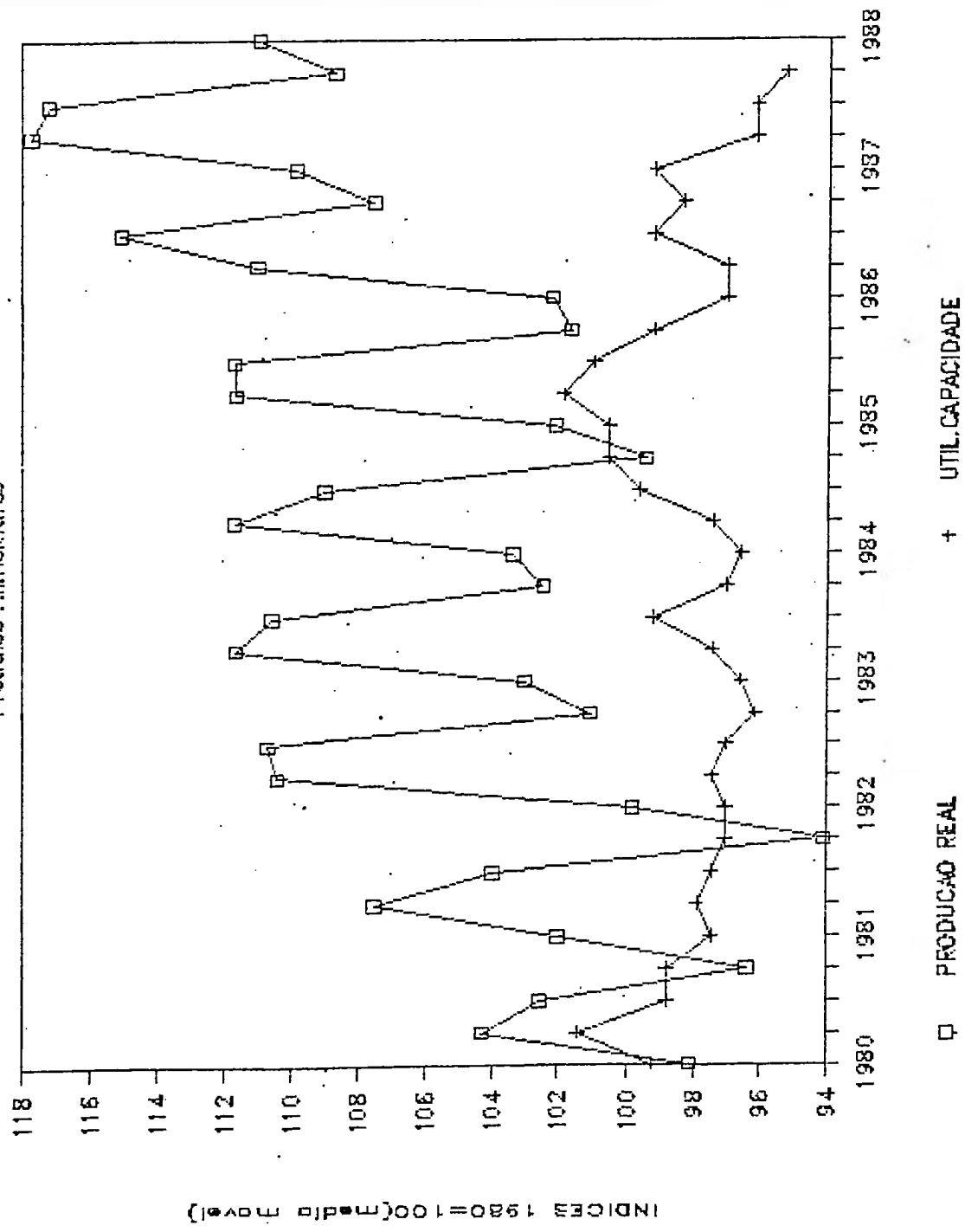


Gráfico 1j
Produtos Alimentares
PRODUCAO X UTILIZACAO CAPACIDADE



4. EMPREGO INDUSTRIAL

O emprego na indústria de transformação, segundo os indicadores do Ministério do Trabalho¹, continua apresentando comportamento relativamente mais favorável do que o da produção. No período janeiro-setembro de 1988 o nível de emprego industrial foi 1,5% menor do que o verificado no mesmo período do ano anterior, contra uma redução de produção de cerca de 2,5%.

É interessante observar, no entanto, que o diferencial entre as taxas de variação acumuladas dos dois agregados diminuiu substancialmente ao longo do 3º trimestre do ano, já que até junho de 1988 as reduções acumuladas do emprego e da produção eram de respectivamente, 2,7% e 5,3% (Tabela 1). Isso estaria indicando, conforme previsão do último Boletim de Conjuntura, um processo de compatibilização do emprego ao nível de atividade industrial, compensando a tendência, verificada no passado recente, de relativa estabilidade da ocupação de mão-de-obra apesar de reduções no nível de produção.

A taxa de desemprego aberto na indústria de transformação (PMÉ-ÍBGE) mantém tendência declinante desde fevereiro de 1988, tendo-se situado em 4,6% no mês de setembro. Apesar disso, o desemprego na indústria de transformação é ainda 25% superior à média verificada nos três primeiros meses do ano passado (Tabela 3).

Por outro lado, os resultados da pesquisa semanal de emprego, elaborada pela FIESP para o Estado de São Paulo, divergem em certa medida, dos apontados pelos indicadores acima analisados. Segundo essa pesquisa, ocorreu uma redução de 5 mil postos de trabalho entre junho e setembro na indústria paulista, seguida de um pequeno aumento do emprego em outubro, o que elevou o número de postos de trabalho eliminados durante o ano, de 27,9 mil em junho para 31,9 mil em outubro de 1988. Cabe registrar o grande número de omissões em setembro (5,8 mil), mês que antecedeu a entrada em vigor dos novos direitos trabalhistas previstos na Constituição (Tabela 4).

¹A partir do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, Lei nº 4.923/65-Ministério do Trabalho.

TABELA 1
 PRODUÇÃO E EMPREGO NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO
 Taxas Acumuladas de Variação 1988/1987

(% sobre igual período do ano anterior)

PERÍODO	PRODUÇÃO A	EMPREGO B	RELAÇÃO A/B
Jan-Março	-6,2	-3,5	1,8
Jan-Junho	-5,3	-2,7	2,0
Jan-Setembro	-2,5	-1,5	1,7

Notas:

A: Calculado a partir do índice de Produto Real - IBGE

B: Calculado a partir do índice Mensal de Emprego - do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados - Lei nº 4.923/65 - Ministério do Trabalho.

Tabela 2

0

INDICE MENSAL DE EMPREGO - 1987/88
(dez/1984=100)

Mes	Geral	Industria de Transformacao
Janeiro/87	110,28	118,09
Fevereiro	110,77	118,86
Marco	110,79	118,80
Abril	110,83	118,44
Maiο	110,99	118,12
Junho	110,65	116,66
Julho	110,25	115,00
Agosto	110,46	114,80
Setembro	111,02	115,60
Outubro	111,51	116,14
Novembro	111,88	116,16
Dezembro	110,87	114,46
Janeiro/88	111,13	114,41
Fevereiro	111,37	114,36
Marco	111,89	114,46
Abril	112,43	114,85
Maiο	113,09	115,59
Junho	113,58	115,89
Julho	114,00	116,31
Agosto	114,27	116,57
Setembro	114,27	116,56

Fonte: Ministerio do Trabalho
Elaboracao: CES/IPLAN

0

Tabela 3

TAXA DE DESEMPREGO ABERTO NA INDUSTRIA DE TRANSFORMACAO
1987/1988

Mes	Industria de transformacao
Janeiro/87	3,76
Fevereiro	3,75
Marco	3,61
Abril	4,11
Maiο	4,93
Junho	5,69
Julho	6,39
Agosto	5,95
Setembro	5,24
Outubro	5,33
Novembro	4,68
Dezembro	3,28
Janeiro/88	4,56
Fevereiro	5,37
Marco	5,22
Abril	5,03
Maiο	5,34
Junho	5,06
Julho	4,95
Agosto	4,80
Setembro	4,63

Fonte: PME/IBGE

Elaboracao: CES/IPLAN

Tabela 4

0

EMPREGO INDUSTRIAL NO ESTADO DE SAO PAULO
 VARIACAO DO NIVEL MENSAL DE EMPREGO - 1988

Mes	Mensal	Acumulada	Percentual(a)
Janeiro	-10300	-10300	-0,49
Fevereiro	2300	-8000	0,11
Marco	-5150	-13150	-0,25
Abril	-3000	-16150	-0,15
Maiο	-3800	-19950	-0,19
Junho	-7950	-27900	-0,39
Julho	-1150	-29050	-0,06
Agosto	1900	-27150	0,09
Setembro	-5750	-32900	-0,28
Outubro	975	-31925	0,05

Fonte: Pesquisa Semanal FIESP/DECAD

Elaboracao: IPLAN/CIT

a) Variacao do nivel de emprego, sobre o mes anterior

0

0

Tabela 5

EMPREGO INDUSTRIAL NO ESTADO DE SAO PAULO
NIVEL ANUAL - 1981/1988

Ano	Indices (a)	Variacao Percentual(b)
1981	92,40	-
1982	86,75	-6,1
1983	79,82	-8,0
1984	79,71	-0,1
1985	85,36	7,1
1986	93,33	9,3
1987	96,91	3,8
1988(c)	94,53	-2,7(d)

Fonte: FIESP/DECAD

Elaboracao: IPLAN/CIT

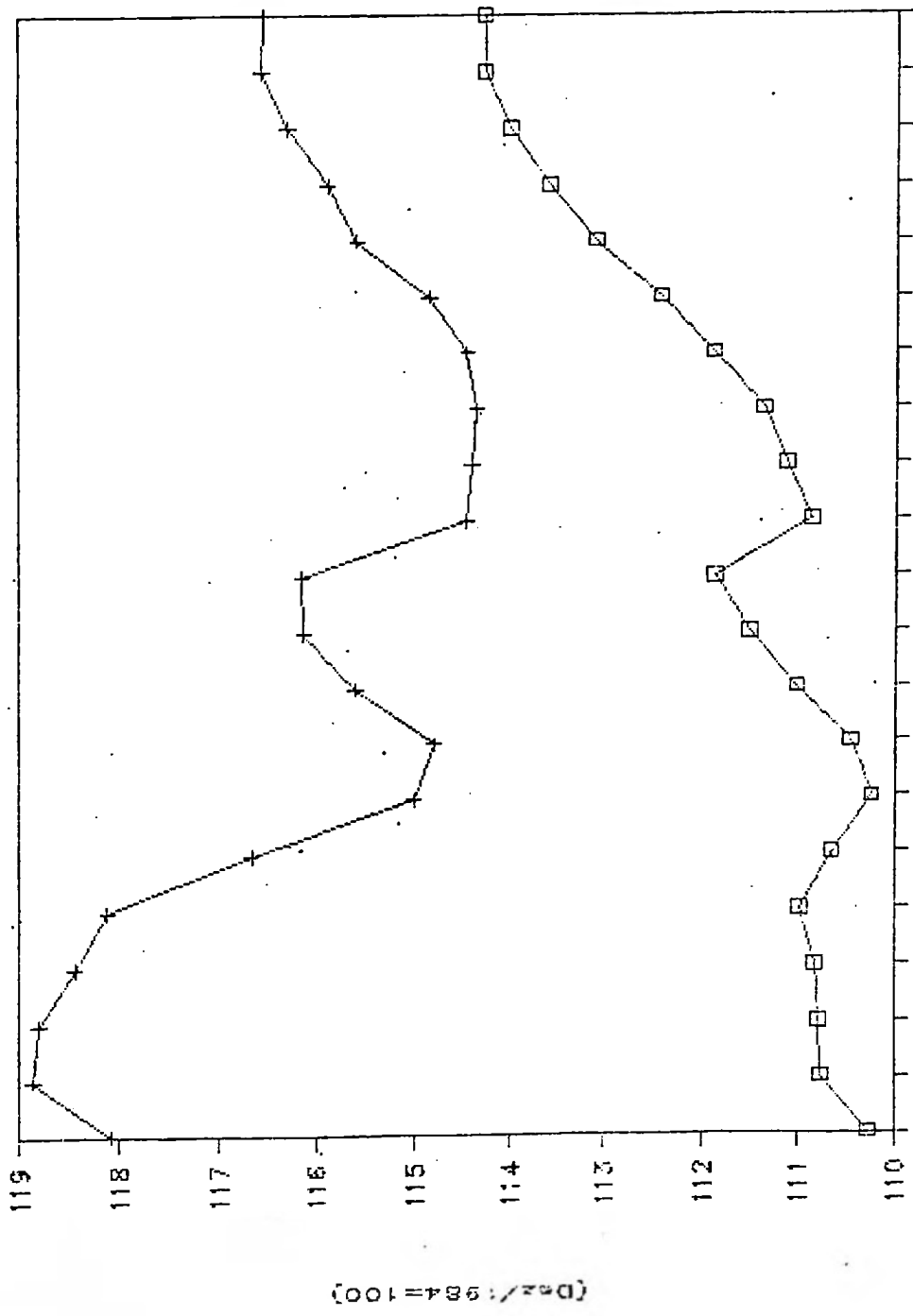
a) Dez/80=100

b) Sobre o ano anterior

c) Jan/Out

d) Sobre igual periodo do ano anterior

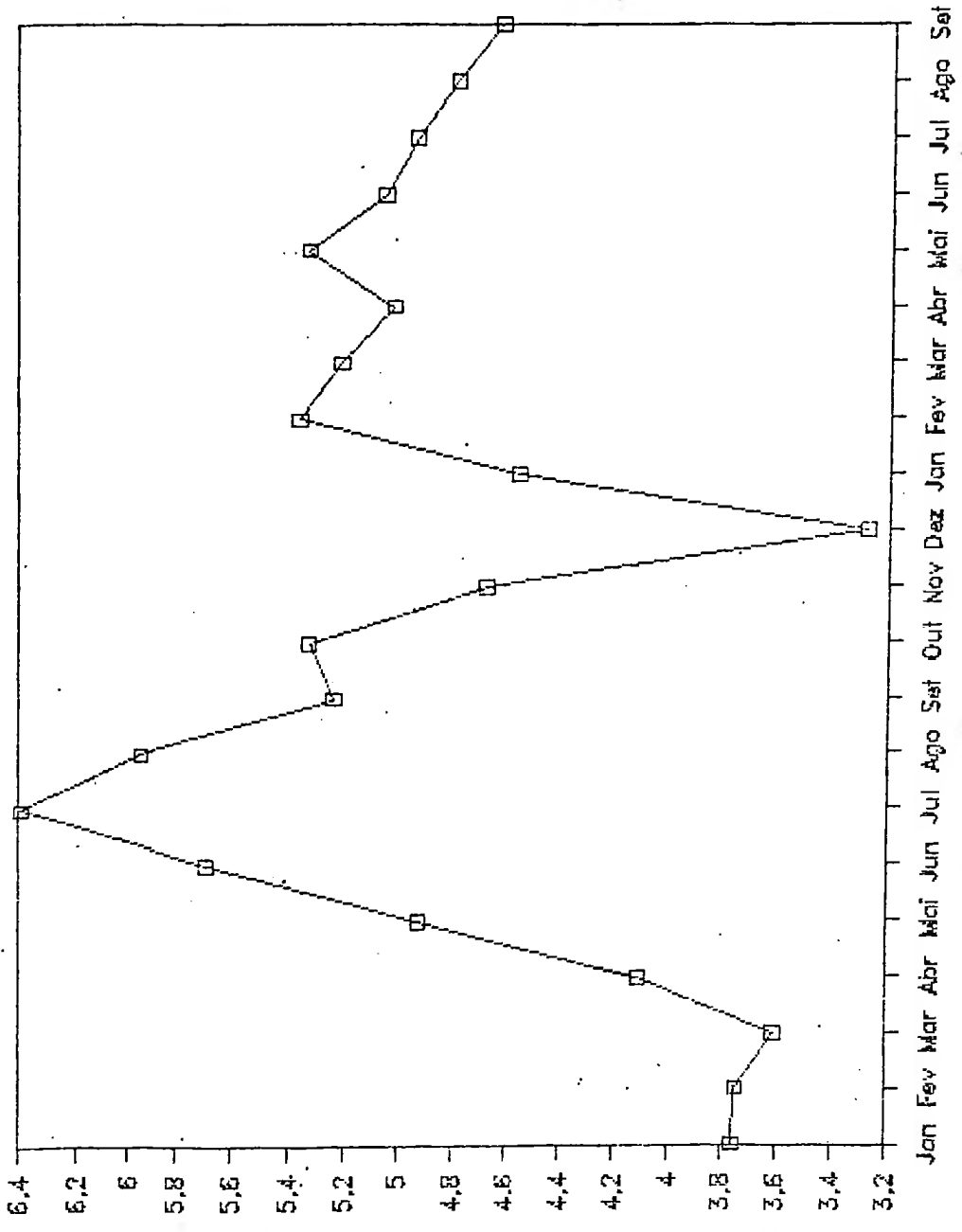
Gráfico 1
INDICE MENSAL DE EMPREGO
 1987/1988



□ Geral + Ind. Transformacao

Cráfico 2
 TAXA DE DESEMPREGO NA IND. TRANSFORMAÇÃO

1987/1988



5. COMÉRCIO EXTERIOR

5.1 Exportações

As exportações de produtos industrializados atingiram, no período janeiro-outubro de 1988, US\$ 19,7 bilhões, indicando um crescimento superior a 35% em relação ao mesmo período do ano anterior. No mesmo intervalo as vendas externas de produtos manufaturados evoluíram em cerca de 31%, situando-se em US\$ 15,7 bilhões (Tabelas 1 e 2).

Apesar da manutenção, até setembro de 1988, da trajetória ascendente apresentada pelas exportações de produtos manufaturados, que passaram de níveis mensais próximos a US\$ 1,3 bilhão no começo do ano para US\$ 1,9 bilhão em setembro, verifica-se um pronunciado arrefecimento da taxa acumulada de crescimento a partir do 2º semestre do ano. Para tanto, contribuiu a queda abrupta do valor exportado em outubro de 1988, que se situou em US\$ 1,4 bilhão, ou 23% a menos do que a média verificada no 3º trimestre do ano, e 11% a menos do que as exportações de manufaturados no mesmo mês do ano anterior.

No entanto, vale considerar que, até setembro de 1988, a diminuição das taxas acumuladas de crescimento das exportações de manufaturados deveu-se, sobretudo, a ocorrência de um "efeito-base" pronunciado. De fato, observa-se, inclusive, uma elevação significativa do valor médio exportado no período julho-setembro de 1988, que atingiu US\$ 1,8 bilhão contra US\$ 1,5 bilhão no 2º trimestre desse ano. Essa elevação ocorreu ao nível da maioria dos principais produtos da pauta brasileira de manufaturados, destacando-se o desempenho dos seguintes produtos: caldeiras, máquinas e instrumentos mecânicos (US\$ 207,6 milhões no 3º contra US\$ 172,3 milhões no 2º trimestre); chapas de ferro de aço (US\$ 120,3 milhões em comparação com US\$ 99,7 milhões); produtos químicos orgânicos (US\$ 93,3 milhões contra 72,5 milhões); e demais produtos manufaturados (US\$ 655,5 milhões em relação a US\$ 485,1 milhões). (Tabelas 3 e 4)¹.

Reduções absolutas do ritmo exportador são apenas detectadas em alguns poucos segmentos, destacando-se aqueles vinculados ao setor automobilístico. As exportações de automóveis de passageiros reduzem-se, de uma média mensal de US\$ 65,8 milhões no 2º trimestre do corrente ano, para cerca de US\$ 59,7 milhões nos

¹Estão muito defasadas as informações disponíveis que permitem avaliar o crescimento das exportações de manufaturados em termos de quantidade e preço. Os dados elaborados pela FUNCEX indicam, até julho de 1988, uma predominância do efeito quantidade. Para um crescimento do valor total das exportações de manufaturados de cerca de 45% no período janeiro-julho a variação de preço teria sido inferior a 10% contra uma variação de quantidade de 35%.

três meses seguintes. Contudo, os demais itens componentes do agrupamento de material de transporte mais do que compensaram a queda verificada nas exportações de automóveis, o que possibilitou a elevação dos níveis médios de exportação desse segmento. Outro movimento acentuado de queda ocorreu nas exportações de calçados, que decresceram, passando de US\$ 102,5 milhões em média no 2º trimestre para US\$ 62,0 milhões no período julho-setembro.

Ja no mês de outubro de 1988 é nitida a queda quase que generalizada dos valores absolutos exportados. Essa redução, além de refletir a influência de fatores sazonais, particularmente os relacionados com a diminuição das exportações no complexo agroindustrial, pode ter sido influenciada por expectativas mais favoráveis de mercado interno e pela perda de competitividade das exportações brasileiras em razão de atraso cambial.

Conforme salientado no Boletim de Conjuntura relativo ao 1º semestre de 1988, o desempenho positivo das exportações vinha ocorrendo a despeito da evolução, desfavorável aos exportadores, da taxa de câmbio e da relação câmbio/salário. De acordo com estimativas do INPES/IPEA, verificou-se desde o início do ano até setembro uma redução de aproximadamente 10% da taxa de câmbio real efetiva (exportações de manufaturados), com aceleração do atraso a partir de maio. Com relação ao 3º trimestre de 1987, esse atraso foi de aproximadamente 20%. Da mesma forma, a relação câmbio efetivo/salário apresentou uma redução de 13% entre janeiro e agosto de 1988, muito embora venha mantendo relativa estabilidade desde maio².

Nesse contexto, o comportamento das vendas ao exterior, a despeito de refletir a relativamente boa situação da economia internacional, tem sido altamente dependente do desempenho do mercado interno, o que faz com que uma eventual associação dos dois fatores - perda de competitividade e expectativas empresariais de crescimento do consumo interno - reflita no impeto das exportações. Essa situação tende a ser potencializada na atual conjuntura de explosão inflacionária, que contribui para acelerar o atraso cambial enquanto estimula o aumento do consumo interno em determinados segmentos com peso na pauta de exportações.

5.2 Importações

As importações de produtos industrializados atingiram US\$ 5,9 bilhões no período janeiro-agosto de 1988, montante próximo ao importado no mesmo período do ano anterior. Os produtos intermediários e os bens de capital participaram desse total com cerca de 43% e 45%, respectivamente. No desagregado, verificou-se que-

²Vale observar que tanto a taxa de câmbio efetiva real como a relação câmbio/salário se encontram em níveis substancialmente inferiores aos verificados no ano de 1987.

da acumulada das importações de bens de capital, de 4,6% no período (se considerados apenas os itens correspondentes a máquinas e equipamentos mecânicos e elétricos, observa-se um crescimento de 13,7%); relativa estabilidade do valor acumulado no ano das compras externas de bens intermediários; e elevação de cerca de 14% das importações de bens de consumo e outros produtos (tabela 1)3.

Identificou-se uma ligeira tendência de recuperação nos níveis mensais de importação no curto prazo. Essa trajetória fortaleceu-se no mês de agosto, quando ocorreu forte elevação do valor importado. Cabe salientar que isso deveu-se, em parte, à expectativa da nova política tarifária, que levou ao adiamento de compras para depois da vigência oficial das novas regras (1/7/88). No entanto, o fraco comportamento da atividade econômica interna, particularmente no tocante ao componente de formação bruta de capital fixo, estaria resultando em um desempenho das compras externas menos expressivo do que o esperado, vis-a-vis as medidas liberalizadoras tomadas pelo Governo.

As importações de máquinas e equipamentos mecânicos e elétricos passaram de uma média mensal de US\$ 320 milhões no 1º semestre para mais de US\$ 340 milhões no período julho-agosto de 1988, evidenciando crescimento superior a 6%. Os produtos químicos, que juntos com os bens de capital constituem os principais produtos da pauta brasileira de importações, já vem apresentando tendência de crescimento desde meados do 1º semestre. A média mensal importada no período julho-agosto de 1988 superou US\$ 156 milhões, contra uma média de US\$ 121 milhões nos primeiros seis meses do ano (tabela 1 e Gráficos 2, 3 e 4).

 3Esses totais referem-se a um grupo de itens selecionados pela CII/IFLAN/IPCA dentre os principais da pauta brasileira de importações.

Tabela 1

2.35X1 - EXPORTAÇÕES DE PRODUTOS INDUSTRIALIZADOS
 Produtos Semi-acabados e Manufaturados
 US\$ Milhões

Mes/Ano	SEMI-ACABADOS		MANUFATURADOS		TOTAL	
	No mes	Ate o mes	No mes	Ate o mes	No mes	Ate o mes
1987						
Janeiro	171	171	763	763	934	934
Fevereiro	189	360	913	1676	1102	2036
Março	195	555	737	2413	932	2968
Abril	197	752	826	3241	1025	3993
Maió	193	945	1244	4485	1437	5436
Junho	273	1218	1376	5855	1643	7073
Julho	340	1558	1563	7418	1903	8976
Agosto	317	1875	1541	8959	1858	10834
Setembro	324	2199	1512	10471	1836	12670
Outubro	378	2577	1588	12031	1886	14698
Novembro	321	2898	1416	13447	1737	16345
Dezembro	221	3117	1425	14831	1646	17948
1988						
Janeiro	343	343	1315	1315	1658	1658
Fevereiro	356	679	1217	2532	1553	3211
Março	341	1020	1493	4025	1834	5045
Abril	371	1391	1639	5664	2010	7055
Maió	440	1831	1637	7301	2077	9132
Junho	418	2249	1693	8994	2111	11243
Julho	385	2634	1628	10622	2013	13256
Agosto	508	3142	1857	12479	2365	15621
Setembro	413	3555	1877	14358	2292	17913
Outubro	451	4006	1384	15742	1835	19748

Fonte: CACEX/DEPEC
 Elaboração: IPLAN/CIT

Tabela 2

BRASIL - EXPORTAÇÕES DE PRODUTOS INDUSTRIALIZADOS

1987-1986

Evolução percentual

Mes/Ano	SEMI-FABRICADOS		FABRICADOS		TOTAL	
	No mes	Até o mes	No mes	Até o mes	No mes	Até o mes
1988/1987						
Janeiro	100.6	100.6	72.3	72.3	77.5	77.5
Fevereiro	77.8	88.6	33.3	51.1	40.9	57.7
Março	74.9	83.8	102.6	66.8	96.8	70.0
Abril	88.3	85.0	97.9	74.8	96.1	76.7
Mai	128.0	93.5	31.6	62.8	44.5	68.2
Junho	53.1	84.6	23.6	53.6	28.5	59.0
Julho	13.2	69.1	4.2	43.2	-5.8	47.7
Agosto	60.3	67.6	20.5	39.3	27.3	44.2
Setembro	27.5	61.7	24.3	37.1	24.8	41.4
Outubro	19.3	55.5	-11.3	30.8	-2.7	35.2

Fonte: CACEX/DEPEC

Elaboração: IPLAN/CIT

Tabela 3

TABELA 2

BRASIL - EXPORTAÇÕES DE PRODUTOS INDUSTRIALIZADOS

Principais produtos - 1988/1987

US\$ milhões FOB

DISCRIMINAÇÃO	JAN-MAR			JAN-JUN			JAN-OUT		
	1988	1987	VAR. %	1988	1987	VAR. %	1988	1987	VAR. %
A - Produtos Semimanufaturados	1020	512	99,2	2249	1209	86,0	4024	2569	56,6
Alumínio em bruto	214	94	127,6	502	229	119,2	910	510	78,6
"Barras" e palanq. de ferro e aço	52	4	1200,0	122	20	516,0	220	102	115,7
Couro de bovinos	80	8	900,0	160	38	321,0	272	107	154,2
Estatueto em bruto	46	23	100,0	100	61	63,9	187	119	57,1
Ferro-gusa	52	30	73,3	128	70	82,8	248	165	50,3
Manteiga de cacau (inc. óleo e gordura)	51	42	21,4	92	78	17,9	148	145	2,1
Óleo de soja em bruto	2	11	-81,8	15	86	-82,5	35	157	-77,7
Pasta de cacau ref./liquor de cacau	26	25	4,0	42	48	-12,5	81	78	3,8
Pasta quím. de madeira a soda e sulf.	149	78	91,0	309	149	107,3	500	317	57,7
Slabs e largets de ferro e aço	104	13	700,0	258	75	244,0	475	230	106,5
Detalis produtos semimanufaturados	244	184	32,6	521	355	46,7	947	639	48,2
B - Produtos Manufaturados	4024	2448	64,9	8993	5789	55,3	15743	12006	31,1
Calçados, suas partes e componentes	276	219	26,0	615	445	38,2	884	732	20,4
Caldeiras, máq., apar. e inst. mec. (1+2+3)	445	272	63,6	1034	655	57,8	1824	1266	44,1
1 - Máq. autom. de tratamento de infor.	42	24	75,0	103	55	87,2	172	104	65,3
2 - Motores de explosão/combustão interna	173	114	51,7	383	247	55,0	682	487	40,0
3 - Outros produtos	230	134	71,6	548	356	53,9	970	675	43,7
Carne de bovina industrializada	61	28	117,8	144	88	63,6	231	188	22,9
Chapas de ferro ou de aço	298	60	396,6	598	154	288,3	1038	358	189,9
Máquinas e aparelhos elétricos	204	138	47,8	457	337	35,6	711	654	8,7
Material de transporte (1+2+3+4)	647	440	47,0	1517	1110	36,6	2517	2321	8,4
1 - Automóveis de passageiros	160	110	45,4	395	323	22,2	604	708	-14,7
2 - Partes, peças, acess., veíc. aut. e tratores	107	73	46,5	250	182	37,3	435	362	20,2
3 - Veículos CND e de carga	169	76	122,3	419	214	95,7	718	485	48,0
4 - Outros produtos	211	151	39,7	453	361	25,4	760	766	-0,8
Óleo de soja refinado	11	24	-54,1	62	73	-15,0	206	128	61,0
Papel p/imprimir e escrever	71	35	102,8	159	76	109,2	253	142	78,2
Pneumáticos	50	28	78,5	118	73	61,6	201	164	22,6
Principais têxteis	262	118	122,0	511	300	70,3	797	660	20,8
Produtos químicos orgânicos	170	97	75,2	435	249	74,7	763	390	95,6
Suco de laranja	259	169	53,2	432	304	42,1	888	628	41,4
Detalis produtos manufaturados	1270	812	56,4	2911	1925	51,2	5430	4375	24,1
TOTAL A + B	5044	2952	70,9	11242	6998	60,7	19767	14575	35,6

FONTE: CACEX/DEPEC.

Tabela 4

0

EXPORTAÇÕES DE PRODUTOS MANUFATURADOS
VALORES EXPORTADOS/PRINCIPAIS PRODUTOS - US\$ milhões FOB corrente
Média Mensal de 1988

Discriminação	Valores Médios Mensais			
	jan-mar	abr-jun	jul-set	outubro
Calçados	92.0	102.5	62.0	84.0
Caldeiras, Mac. e Insr. Mecânicos	148.3	172.3	207.6	167.0
Carne Bovina Industrializada	20.3	24.0	24.1	15.0
Chapas de Ferro e Aço	99.3	99.7	129.3	79.0
Material de Transporte	215.7	252.8	277.0	169.0
Automóveis de Passageiro	53.3	65.6	59.7	30.0
Veículos CKD e de carga	56.3	69.8	62.4	52.0
Partes e peças p/automóveis e tratores	35.7	41.7	47.0	41.0
Outros	70.3	75.5	86.7	46.0
Máquinas e Aparelhos Elétricos	68.0	76.2	61.0	71.0
Óleo de Soja Refinado	3.7	10.3	43.3	14.0
Papel p/Impressão e Escrever	23.7	26.5	25.0	19.0
Pneumáticos	16.7	19.7	22.0	17.0
Principais Têxteis	67.3	65.2	75.3	60.0
Produtos Químicos Orgânicos	56.7	72.5	93.3	48.0
Suco de Laranja	66.3	72.0	122.3	89.0
Bebidas Manufaturadas	423.3	485.1	658.5	552.0
TOTAL	1341.3	1498.8	1766.7	1364.0

FONTE : CACEX

Elaboração CIT/IPLAN/IPEA

Tabela 5

BRASIL - IMPORTAÇÕES DE PRODUTOS INDUSTRIALIZADOS
Principais Produtos por Valor Importado
US\$ milhões

SETORES	1987			1988			variação 1988/87 %		
	jan-mar	jan-jun	jan-ago	jan-mar	jan-jun	jan-ago	jan-mar	jan-jun	jan-ago
BIENS DE CAPITAL (A)	831,2	1638,3	2846,3	1052,2	2609,5	2714,4	26,6	9,3	-4,6
BIENS DE CAPITAL (1)	768,0	1714,0	2295,5	1023,3	1925,4	2610,4	33,2	12,3	13,7
Máq., Máquinas e Apar. Mecânicos	399,2	893,4	1237,7	563,5	1096,0	1484,6	41,2	22,7	19,9
Máquinas e Aparelhos Elétricos	282,0	616,2	798,6	372,2	881,1	912,2	32,0	16,5	14,2
Veículos e Material p/Vias Ferreas	5,3	13,9	15,0	2,9	6,2	8,6	-65,2	-55,6	-42,8
Veic. Automoveis, Tratores, Motociclos	81,5	190,5	244,0	84,8	142,2	205,1	4,0	-25,4	-15,9
Navegação Aérea	25,6	50,2	429,3	28,6	83,0	102,3	11,7	65,3	-76,7
Navegação Marítima e Fluvial	37,6	74,1	111,5	0,3	1,1	1,7	-99,3	-98,6	-98,5
BIENS INTERMEDIÁRIOS (B)	543,0	1920,5	2531,5	872,6	1769,7	2559,9	-7,5	-7,9	1,1
Produtos Químicos inorgânicos	81,0	170,4	239,9	71,2	161,4	261,7	-12,0	-5,3	9,1
Produtos Químicos Orgânicos	232,7	534,1	499,6	279,3	562,1	774,6	20,0	5,2	10,7
Fertilizantes	62,2	132,4	192,7	50,5	129,1	246,7	-18,9	-2,5	28,0
Extratos Tanantes e Tintoriais	35,1	57,9	70,6	31,0	66,6	83,9	-6,3	14,9	13,0
Pr. s.p/Fotografia e Cinematografia	21,5	38,6	50,8	21,9	45,6	62,2	1,6	18,1	22,4
Prod. Diversos da Ind. Química	43,7	94,0	129,7	54,7	104,8	141,5	25,1	11,5	9,1
Plásticos e Artificiais	67,1	130,3	175,1	70,1	133,6	182,3	4,4	2,5	6,1
Borracha Natural e Sintética	57,9	115,0	160,5	78,5	151,3	202,3	35,6	31,5	26,0
Pele e Couros	71,9	127,6	157,5	32,8	79,2	108,5	-54,4	-38,0	-31,1
Papel, Cartolina, Cartão	52,3	114,6	141,0	36,9	83,3	118,6	-25,7	-27,3	-15,9
Vidro e Obras de Vidro	15,3	34,1	40,8	9,1	18,6	25,1	-40,7	-45,6	-38,6
Ferro Fundido e Aço	119,2	197,4	246,2	81,6	140,2	196,3	-31,6	-29,0	-19,5
Cobre	76,1	154,8	191,6	42,8	75,2	122,3	-43,8	-51,4	-36,2
Alumínio	9,0	19,1	27,5	10,4	18,8	27,0	15,6	-1,6	-1,9
BIENS DE CONSUMO E OUTROS (C)	222,7	455,6	597,8	259,0	506,6	679,5	16,3	11,2	13,7
Produtos da Indústria de Têxtil	13,6	28,1	38,8	16,0	35,9	51,0	17,8	27,8	31,5
Gorduras e Óleos	17,6	28,4	34,2	19,3	28,4	37,7	9,5	0,1	10,3
Produtos Farmacêuticos	12,8	26,2	36,4	8,9	20,9	27,8	-39,6	-20,4	-23,7
Artigos de Livraria e Artes Gráficas	22,7	50,3	61,9	10,4	34,5	46,8	-19,1	-31,4	-24,4
Têxteis Sintéticos e Artificiais	11,2	19,7	25,5	4,0	12,1	20,1	-64,3	-38,8	-21,3
Pedras Naturais, Pedras Preciosas	13,9	26,6	36,4	12,4	25,4	32,4	-19,5	-4,6	-11,0
Ferramentas, Cutelaria, Talheres	8,7	26,4	32,2	33,6	51,8	58,2	285,1	96,2	80,8
Instr. Apar. Ótica e Fotografia	70,9	153,6	216,3	101,4	207,4	279,1	43,0	35,1	29,1
Relojoaria	17,4	25,3	30,0	8,8	20,5	27,4	-49,6	-18,9	-8,6
Instr. Música, Apar. Som, outros	33,9	71,0	86,1	36,2	69,7	99,0	6,9	-1,8	15,0
TOTAL (A+B+C)	1996,7	4214,4	5975,6	2183,8	4285,8	5953,8	9,4	1,7	-0,4
TOTAL IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS	3951,4	7937,7	8086,5	3861,5	7543,7	10285,3	-2,3	-5,0	27,2

Fonte: CIEF/AF - Tabelações Especiais

1/ Subtotal excluído de valores de navegação aérea e marítima

Gráfico 1

EXPORTACOES DE INDUSTRIALIZADOS(87-88)

Valores Mensais

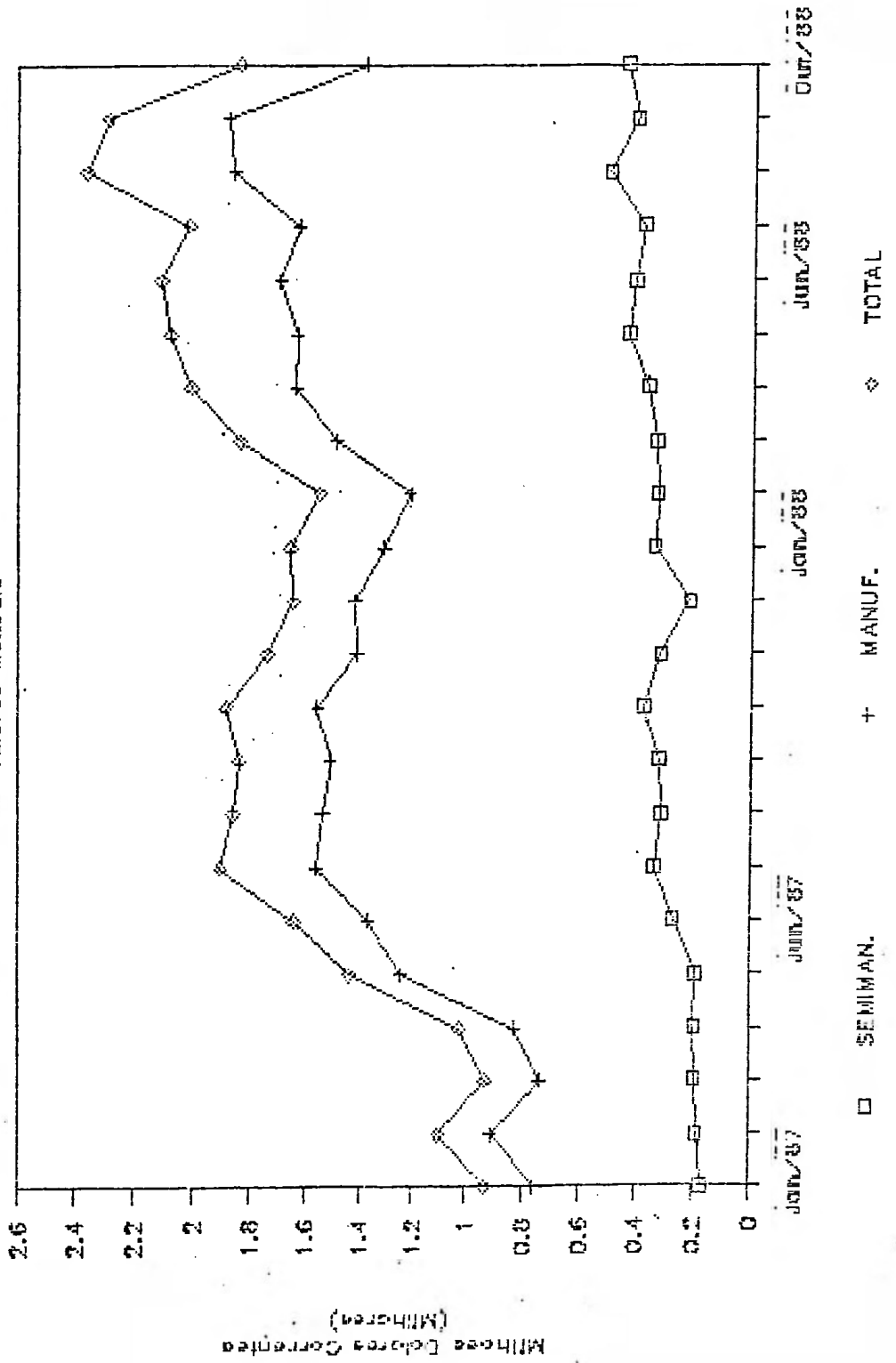


Gráfico 2

IMPORTAÇÕES DE INDUSTRIALIZADOS

TAXAS ACUMULADAS DE VARIACÃO

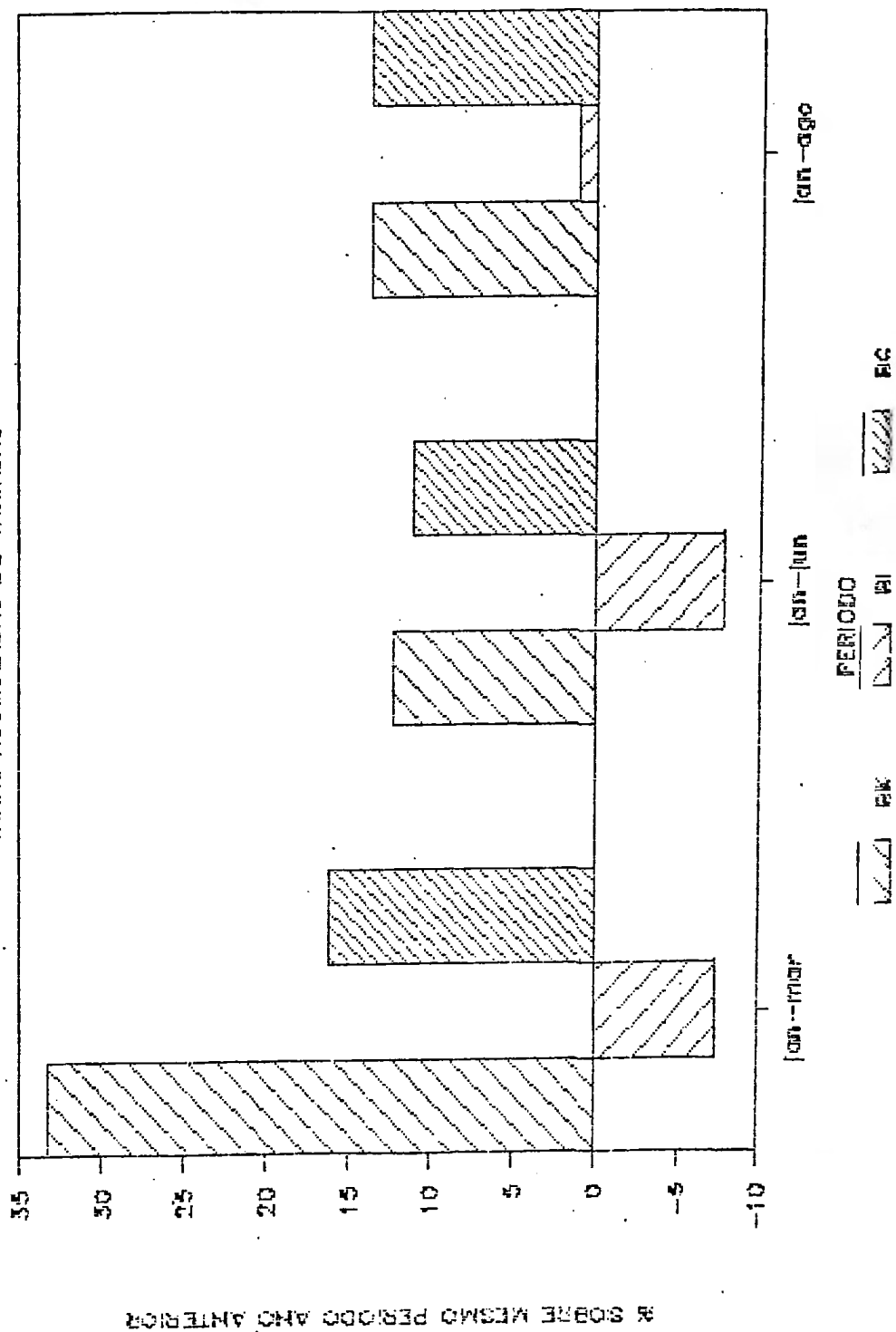


Gráfico 3

IMPORTACOES DE INDUSTRIALIZADOS

Máquinas - Equipamentos e Produtos Químicos

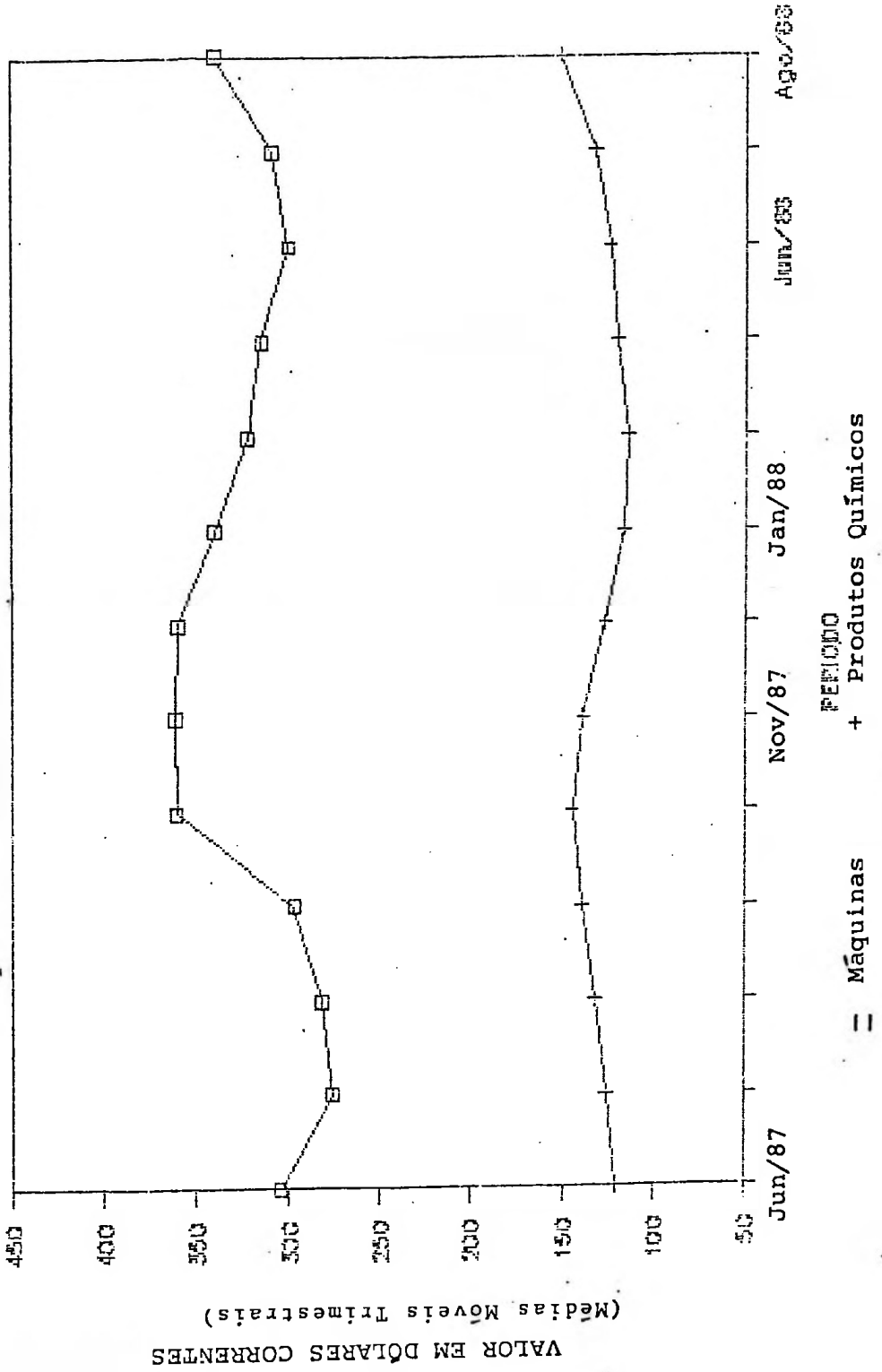


Gráfico 4

IMPORTAÇÕES INDUSTRIALIZADAS

Máquinas - Equipamentos e Prod. Químicos

